

A produção de vídeo estudantil dialogando com a concepção de Paulo Freire

Prefácio por Balduino Antonio Andreola



Josias Pereira
Gregório Albuquerque
Daniela Mattos

A produção de vídeo estudantil dialogando com a concepção de Paulo Freire



Reitoria

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*

Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cossio*

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*

Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Fabiane Tejada da Silveira*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner* (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão* (TITULAR), *Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos*

Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosangela Ferreira Rodrigues* (TITULAR), *Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha*

Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares* (TITULAR), *Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho*

Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno* (TITULAR), *Jucimara Baldissarelli e Zayanna Christina Lopes Lindoso*

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto* (TITULAR), *Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro*

Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte* (TITULAR), *Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas*

Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Chris de Azevedo Ramil* (TITULAR), *Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho*

Josias Pereira
Gregório Albuquerque
Daniela Mattos

A produção de vídeo estudantil dialogando com a concepção de Paulo Freire



Editora
UFPel

Pelotas, 2023



**Editora
UFPel**

Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação
Elaborada por Leda Lopes CRB: 10/2064

P964 A produção de vídeo estudantil na concepção de Paulo Freire [recurso eletrônico] / organizadores Josias Pereira Gregório Albuquerque e Daniela Mattos. — Pelotas : Ed. UFPel, 2023.
113 p. il.

25,7 MB, e-book (PDF)
ISBN: 978-85-60696-27-7

1. Educação. 2. Artes visuais. 3. Vídeos estudantis. 4. Linguagem audiovisual. I. Albuquerque, Josias Pereira Gregório, org. II. Mattos, Daniela, org.

CDD: 370

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane

Administrativo

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Seção de Produção

Preparação de originais

Eliana Peter Braz

Administrativo

Catalogação

Madelon Schimmelpfennig Lopes

Administrativo

Revisão textual

Anelise Heidrich

Assistente de Revisão

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Figueredo Alves

Carolina Abukawa (Bolsista)

Coordenação de projeto

Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção

Marisa Helena Gonsalves de Moura

Administrativo

Eliana Peter Braz

Administrativo

Projeto Gráfico & Diagramação

Carolina Abukawa

Capa

Rita Martins

Carolina Abukawa

Dedicamos esta obra a todos aqueles professores que, como nós,
acreditam no potencial da educação pública e de qualidade,
que prima pela equidade, oportunizando a todos
as mesmas condições de aprender
e ampliar conhecimento.

“A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem.”
(FREIRE, 1967, p. 97)

Sumário

9	Prefácio
13	Apresentação
15	Capítulo 1: A formação docente ancorada na perspectiva freireana
33	Capítulo 2: As metodologias ativas na concepção de Freire
43	Capítulo 3: Tecnologia x metodologia na produção de vídeos estudantis
49	Capítulo 4: Na prática 1 - produção de vídeo no dia a dia da sala de aula
66	Capítulo 5: Na prática 2 - A produção de vídeo estudantil dialogando com Freire
93	Capítulo 6: Na prática 3 - produzindo vídeo a partir de Freire
102	Notas de fim
103	Referências
108	Sobre os autores

Prefácio

Início este prefácio dizendo que no centésimo aniversário de Paulo Freire estou me sentindo um aluninho feliz que, depois de muitos anos, voltou à sala de aula. Já não sei se participei de dez, 15 ou mais de 20 comemorações do glorioso centenário de nascimento de Paulo Freire. Coautor de alguns livros, autor de três prefácios, participante em lives com palestras, debates, diálogos. Sei que foram e estou sendo ainda centenas no Brasil e na América Latina. Não imagino quantas, como sendo “o maior pedagogo do século XX”, segundo Roger Garaudy. Sinto-me um aluno feliz, porque em todas essas participações aprendi muito. E posso afirmar que não vi em nenhuma um Paulo Freire apenas repetido. Sinto com alegria que o centenário de Paulo Freire está sendo uma experiência imensa, brasileira, latino-americana, e creio que também mundial, de recriação, de reinvenção da obra de Paulo Freire, como ele sempre quis e repetidas vezes propôs.

É neste contexto de reinvenção e de admirável criatividade que li o livro de autoria de três educadores da cidade de Pelotas, Josias Pereira, professor adjunto da UFPel, Daniela Pedra Mattos, graduada em Letras e mestra em Educação, e Gregório Albuquerque, professor/pesquisador do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde. Ao salientar ao menos um item no currículo da autora e dos autores o fiz porque é extremamente importante, enquanto me oportunizam denunciar um preconceito bastante em voga. Ao atuar mais de 30 anos, não apenas na UFRGS, mas também em quatro ou cinco outras universidades, ficou-me a impressão de que muitos acham que Paulo Freire, com sua obra, tem a ver apenas nos cursos de Pedagogia ou de Educação. A autora Daniela Pedra Mattos e os autores Gregório Albuquerque e Josias Pereira desmentem bravamente esse preconceito, mostrando, em sua formação como professores e em sua prática pedagógica, estando ligados a diferentes áreas, principalmente que a pedagogia bancária, denunciada por Paulo Freire, deve ser combatida e excluída em todas as áreas do ensino.

O tema do livro trata, ao longo de seus cinco capítulos, da produção de vídeo estudantil. Está muito claro, através desta obra, que a produção de vídeo exige séria competência técnica por parte do professor ou da professora. Mas a produção, como

relatada neste livro, não acontece numa linha tecnicista. Ocorre-me citar aqui uma frase eloquente de Yuval Noah Harari, autor do best seller “Sapiens – Uma breve história da humanidade”. Numa entrevista, quando lançou o livro na Alemanha, foi-lhe perguntado o que achava de um desenvolvimento rápido assim da tecnologia. E ele respondeu laconicamente: “Ótimo. Mas nós inventamos o fogo, cozinhamos nossa comida, e ateamos fogo na casa do vizinho”. Que este livro sobre a produção de vídeo estudantil não é numa linha tecnicista está evidente ao longo de todas as páginas, sendo um dos valores mais salientados o “protagonismo dos alunos”, explicitado até no minicurrículo de um dos autores, o professor Josias Pereira, que, falando de sua trajetória escreveu: “Acredita que a produção de vídeo contribui para que o aluno saia do espaço da educação bancária e aprenda a ler o mundo, recriando histórias e criticando a própria sociedade”.

Esta denúncia da “educação bancária”, tão pouco levada a sério por muitos educadores, sugere-me que cite uma grande surpresa que tive, durante esse centenário, ao ler a crítica feita pelo próprio Noam Chomski, famoso escritor americano. Eu tinha lido, poucos meses antes, o seu livro “Internacionalismo ou Extinção - Reflexões sobre as grandes ameaças para a existência humana”. Chamou-me a atenção que ele, Noam Chomski, falara várias vezes em “conscientização”, no sentido que Paulo Freire sempre deu a esse processo pedagógico-político. Motivado pela curiosidade, retomei o livro, o folheei atentamente, página por página, e contei 11 vezes a palavra “conscientização”. Minha surpresa foi muito maior quando recebi o livro “Testamento da Presença de Paulo Freire e a Educação Brasileira – Depoimentos e Testemunhos”, organizado pela Nita Freire, esposa de Paulo Freire, e no qual participo com um capítulo. A surpresa foi a participação de Chomsky com um excelente capítulo (p. 345-357), no qual dedica quatro páginas citando vários autores que antes de Paulo Freire denunciaram o que ele denomina “pedagogia bancária”, que nos Estados Unidos está em voga, segundo ele, sob a modalidade “ensinar para a prova”. Ele declara que “[...] não deveríamos nos surpreender com o fato de que ‘ensinar para a prova’ tenha-se tornado política federal, com seu pico neste milênio” (p. 352). Depois de nomear John Dewey, ele se detém longamente em Freire. Limito-me a resumir seu pensamento, citando o tópico principal: “É neste contexto que é possível apreciar as contribuições distintas e originais de Paulo Freire. [...] Levando adiante a tradição, Freire condenava a ideia de que educandos são ‘receptáculos’ a serem preenchidos por educadores. Freire ridicularizava essa abordagem dizendo que se tratava de uma ‘educação bancária’ [...]”.

Ao citar a lucidez com que Chomsky fala sobre a obra de Freire, não fugi, colegas Josias, Daniela e Gregório, de minhas reflexões sobre o livro de vocês. Pelo contrário, eu vejo que o trabalho realizado por vocês com os estudantes, na construção de vídeos, é em tudo contrário a qualquer resquício de “pedagogia bancária”. O “protagonismo” dos alunos é afirmado, de diferentes maneiras, ao longo das páginas do livro. O “vídeo estudantil”, de acordo com o relato de vocês, é uma prática que rompe lindamente com uma pedagogia bancária. E isso sem estabelecer uma dicotomia entre a sala de aula e a experiência extraclasse. O próprio título do capítulo IV exclui essa dicotomia, enunciando: “Produção de vídeo no dia a dia da sala de aula”.

Na riqueza dos valores que perpassam a prática do vídeo e o livro de vocês, Gregório, Daniela e Josias, chamou-me especial atenção a importância dada às emoções. Frente à pergunta de “qual o caminho a seguir”, que às vezes nos angustia, vocês respondem: “Quando nos damos conta o caminho do coração nos guia e experimentamos ações que ainda não estão no currículo formal...”. Sintonizei com vocês, até porque o título de minha tese de pós-doutorado é: “Emotividade versus Razão: Por uma Pedagogia do Coração”. Não podemos ser racionalistas, de acordo com o eminente filósofo Pascal, que escreveu: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”, ou, de acordo com outra tradução talvez mais expressiva: “que a própria razão não conhece”.

Quanto à presença de Paulo Freire no livro de vocês, Josias, Daniela e Gregório, é uma presença total e constitutiva do pensamento, da palavra e da prática pedagógica de vocês. Freire está aí com naturalidade. Não através de algumas citações esparsas. Não se trata apenas do número de obras citadas. Eu sinto que a leitura de vocês foi muito séria. Vocês não “citam” apenas Freire. Vocês constroem o livro num diálogo constante com ele, e mostram que a prática pedagógica de criação de vídeos estudantis é sob a inspiração de Freire. Na redação do prefácio para outro livro, do qual participa com um brilhante capítulo, Carlos Rodrigues Brandão, chamou-me a atenção um problema apontado por ele. Entrevistado, ele responde a uma pergunta dizendo-se preocupado com certa leitura de “um Paulo Freire dissolvido em repetidas citações pequeninas quase sempre das mesmas passagens de algum livro”. Estive muito atento às citações de vocês. Não vi nada parecido com a oportuna denúncia de Brandão. Vocês revelam competência e seriedade na leitura das obras de Freire. Em todos os momentos de criação de um vídeo estudantil Freire está presente através de um diálogo com ele. Parece que o Paulo Freire está

Prefácio

aí com vocês, conversando com vocês, e vocês com ele, educador “visionário”. Adorei este título, “visionário”, conferido ao Freire por vocês, visionários de uma educação a serviço de alunos felizes, e da construção, com eles, de um mundo mais belo e amoroso.

Porto Alegre, 23 de novembro de 2021.

Balduino Antonio Andreola
balduinoandreola@yahoo.com.br

Apresentação

O objetivo desta escrita é promover reflexões com e sobre a produção de vídeo estudantil, a partir da concepção de Paulo Freire, considerando que ele nos deixou um legado visionário, reflexivo, provocador e articulador das práticas pedagógicas, as quais são bases para o desenvolvimento e construção da aprendizagem (entre alunos e professores). Freire também nos convida a reconhecer que o aluno precisa protagonizar junto ao professor para que, de fato, seja possível construir, multiplicar e potencializar o conhecimento. Essa construção precisa, necessariamente, considerar a bagagem histórica-cultural-social de cada um, pois o indivíduo não chega vazio de saber na escola. E nesse contexto, consideramos que a produção de vídeo estudantil com os alunos faz parte desse cenário já anunciado por Freire, porque há uma inter-relação do fazer pedagógico ao protagonismo discente que encanta e amplia as possibilidades de aprendizado, instigando à construção e ampliação de saberes coletivos. Cada um pode colaborar com seu conhecimento e, a partir disso, ampliar essas contribuições para além dos componentes curriculares. Há uma expansão do conhecimento de forma significativa e criativa, porque “exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção [...]” (FREIRE, 1977, p. 27).

E é nessa mesma linha de pensamento que iremos trabalhar nesta obra. Provocando e inquietando os saberes docentes, numa perspectiva Freiriana que considera as individualidades como norteadora do ensino e da aprendizagem, num movimento rigoroso de ação-reflexão-ação, sendo a escola o grande palco desse protagonismo, onde atuam alunos e professores. Para tanto, a discussão é realizada em seis capítulos, tendo como pano de fundo a produção de vídeo estudantil, na concepção de Freire. São eles:

- A formação docente ancorada na perspectiva freireana;
- As metodologias ativas na concepção de Freire;
- Tecnologia x metodologia na produção de vídeos estudantis;
- Na prática I: produção de vídeo no dia a dia da sala de aula;
- Na prática II: a produção de vídeo estudantil dialogando com Freire;
- Na prática III: produzindo vídeo a partir de Freire.

Apresentação

No ano em que comemoramos o centenário do mestre Paulo Freire, o qual ancora a educação brasileira, deixando-nos um legado de respeito e dignidade à docência, buscamos contribuir com as práticas pedagógicas dos docentes brasileiros que lutam, assim como nós, por uma educação de qualidade, que oportunize a professores e aos alunos, protagonizarem na construção do conhecimento, considerando a produção de vídeo estudantil como uma metodologia que contribui com o desenvolvimento das múltiplas aprendizagens.

Os autores,
no inverno de 2021.

Capítulo I:
A formação docente ancorada
na perspectiva freireana

No decorrer deste capítulo, iremos, com base na realidade vivida, trazer três pontos que visam a provocar reflexões, a partir de um diálogo com Freire. São eles:

- A contextualização do momento atual, com fragmentos do momento vivido na escola por alunos e professores no cenário da utilização dos recursos tecnológicos em aula por professores e alunos;
- A formação docente e as práticas pedagógicas: um diálogo com Freire, o qual baliza nossas considerações e percepções no que tange a relevância da formação docente na contribuição do desenvolvimento das práticas pedagógicas, e essas como ferramentas potencializadoras da aprendizagem;
- A Produção de Vídeo Estudantil nas Práticas Pedagógicas - Os autores acreditam que produzir vídeos com os alunos seja uma concepção Freiriana, pois alunos e professores protagonizam, constroem e ampliam seus conhecimentos.

Esperamos apresentar a você, leitor, essas ações. Sendo assim, esta escrita vem recheada de uma amorosidade reflexiva pela educação, tendo Paulo Freire como fonte de diálogo para nortear as contribuições da produção de vídeo estudantil na construção do desenvolvimento do processo de ensinar e aprender.

Contextualizando

Vivenciamos os dias intensos de isolamento social, devido à pandemia da covid-19. A sociedade atual, plenamente envolvida e dependente da tecnologia, nos convoca a olhar entre as frestas de um tempo de incertezas e altamente desafiador. Nesse contexto de pandemia, a escola também está vivendo, sentindo e convivendo com as pluralidades e intempéries advindas de um tempo nunca imaginado por todos nós.

Em março de 2020, a rotina do mundo mudou e, conseqüentemente, a escola também mudou. Das aulas presenciais, com pouca utilização das ferramentas tecnológicas, ao ensino remoto e híbrido. Da presença do professor e alunos em sala de aula, até as aulas remotas. Das câmeras que não se abriam, até as inexistentes (alunos que não têm acesso à tecnologia). Da certeza da aula presencial em uma sala de aula física na escola, para as aulas virtuais-remotas-híbridas. Essa mudança no ambiente de aprendizagem fez com que a sala de aula passasse a ser o quarto, a cozinha, a varanda, ou seja, lugares inadequados para estudar, mas que possuíam sinal de internet, recurso indispensável para que o aluno pudesse acompanhar as aulas. Quantos desafios. E com esses a trajetória presente, viva, no que tange à utilização dos recursos digitais em sala de aula, que até março de 2020 caminhava a passos lentos, por diversos fatores, seja por falta de recursos tecnológicos nas escolas (computadores “funcionando”, internet de qualidade), seja por insegurança docente. As propostas metodológicas que se sustentavam na utilização das mais diversas ferramentas tecnológicas ficavam, em expressivas vezes, minimizadas a projetos singulares. O relato a seguir de uma professora da rede estadual do RS (2020) baliza esse contexto,

Sempre tive resistência em utilizar a tecnologia em aula, não pela falta de vontade, mas pela insegurança de utilizar recursos tecnológicos nas minhas aulas de ciências no EF2, sempre tive a sensação que os alunos sabiam mais do que eu... E sabiam. No ensino presencial sempre dei conta... Propunha pesquisas aos alunos, mas em aula não havia essa necessidade... Eu estava ali. Precisei aprender a utilizar os recursos tecnológicos, dar aulas pelas plataformas digitais... Tudo que parecia simples aos olhares de muitos, para mim foi altamente complexo. Até para acessar um Google sala de aula (plataforma do estado do RS), ao gravar um vídeo para enviar aula aos meus alunos(...). Na escola que leciono há 23 anos, fazíamos projetos utilizando ferramentas digitais. Até fizemos um pequeno concurso de vídeo estudantil (proposto pela professora de Arte) era um projeto dela, mas que nos oportunizou liberdade docente. Sentia que tínhamos liberdade para criar junto aos alunos. E que não dependia da escola ter recursos ou não (não ficávamos reféns da internet funcionar, da escola ter as ferramentas). Cada aluno com seu celular ou sem ele, contribuía da mesma forma [...] (Relato Docente em agosto/2020).

O sentimento de vulnerabilidade atrelado aos poucos e ou/frágeis recursos tecnológicos da escola, provavelmente, maximizavam a sensação de insatisfação e insegurança dos professores quanto à sua utilização. Por outro lado, trouxe a certeza do inacabamento, o qual oportuniza olhar para além da realidade vivida, por mais frágil e incerta que pareça. E assim, mesmo diante das fragilidades sentidas por professores e

alunos, no que tange a utilização dos recursos digitais em aula (presencial e ou/remota e híbrida), surgiu uma oportunidade que permitiu ampliar o olhar e reconhecer nele, as possibilidades já existentes, e sobretudo, a certeza de que os obstáculos não são para sempre.

Nesse sentido, Freire reafirma que:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 1996, p. 23).

Reconhecer que as dificuldades são reais, e ao mesmo tempo que não são permanentes, gera uma esperança que não esgota possibilidades, pois é nesse cenário desafiador, impregnado de incertezas, ao mesmo tempo de ousadia e coragem que está imersa a maior parte dos professores. Como bem menciona Freire (1996):

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica (FREIRE, 1996, p. 27).

Considerar tempos e espaços é necessário e urgente, porque o desenvolvimento das práticas pedagógicas não podem ser isoladas da realidade vivida por professores e alunos.

Freire (1996) ressalta que

(...) toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (FREIRE, 1996, p. 27).

Verdadeiramente, é preciso reconhecer que a neutralidade inibe ou suprime o desenvolvimento da aprendizagem. Envolver-se num processo reflexivo como protagonista, requer desacomodação e inquietude. Nesse sentido, o tempo de pandemia

trouxe para escola um outro cenário, mais inquieto talvez, sinalizador de caminhos, pois a utilização dos recursos tecnológicos em aula, caminhavam a passos vagarosos, o que é balizado por Mattos (2021) em que apresentou dados parciais de uma pesquisa realizada entre os meses de maio e junho de 2020 entre professores da rede pública estadual do Rio Grande do Sul/RS, que ministram aulas nas séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Dos 184 sujeitos que responderam ao instrumento enviado pelo WhatsApp, 142 responderam que não utilizavam nenhuma ferramenta tecnológica em aula antes da pandemia, 22 responderam que utilizavam alguma ferramenta para potencializar suas aulas antes da pandemia e 20 sujeitos responderam que às vezes utilizavam alguma ferramenta em aula.

A pesquisa também aponta que no período de pandemia, smartphones e aparelhos celulares foram muito utilizados pelos professores (71%), sendo que a produção de vídeo estudantil foi apontada como uma das metodologias mais utilizadas pelos docentes durante o ano de 2020.

Considerar a produção de vídeo estudantil como valiosa metodologia que potencializa as práticas pedagógicas é significativo. Considerando que até março de 2020 os professores viviam processos de ensino e aprendizagem no modelo presencial, utilizando muito pouco as ferramentas tecnológicas em suas aulas, conforme os dados apresentados anteriormente, foi preciso mudar o olhar que tinham sobre si sobre o outro. Esse olhar para suas práticas pedagógicas e para seu ser docente, refazendo caminhos, analisando com criticidade seus planejamentos e consequentemente, suas aulas, foi e ainda é uma ação necessária.

Segundo Mattos (2012) é importante a reflexão com e sobre a prática docente a respeito do uso das tecnologias, as quais, podem contribuir com a aprendizagem dos alunos, deverá ser significativa para dar sentido ao que o sujeito vê e ouve, colocando-se de forma desassossegada frente às situações que muitas vezes vêm acompanhadas de regras e conceitos pré-estabelecidos.

Refletir com e sobre a prática pedagógica como coloca Mattos (2012, p. 114) “é descortinar o que sempre se vinha fazendo, para abrir-se para outras possibilidades e, no que tange à utilização dos recursos tecnológicos para potencializar a aprendizagem, fica evidente que é uma urgência”.

E nesse cenário da tecnologia, trazemos a produção de vídeo estudantil como pano de fundo para construir, ampliar e potencializar o desenvolvimento das múltiplas aprendizagens entre professores e alunos, valorizando o protagonismo discente e

docente num movimento reflexivo. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 12).

Um tempo desafiador que nos convoca a refletir com e sobre a prática pedagógica e, nesse contexto, a produção de vídeo pode sinalizar caminhos e potencializar o desenvolvimento das práticas pedagógicas e com estas, o enriquecimento e ampliação do processo de ensino e aprendizagem. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 12).

Sendo assim, o objetivo desta proposta é refletir a potencialidade da produção de Vídeo Estudantil nas práticas pedagógicas, dialogando com Freire que, visionariamente, nos deixou um legado reflexivo sinalizador de caminhos e possibilidades.

A formação docente e as práticas pedagógicas

Dialogar com Freire sobre a formação de professores no contexto das práticas pedagógicas indica caminhos que necessariamente devem ser percorridos, considerando que sua trajetória e seu conhecimento deixou um legado para a educação brasileira que é atual. Freire foi um visionário que ensinou e multiplicou conhecimento para fortalecer os processos de ensino-aprendizagem, através da ação-reflexão-ação, trazendo o diálogo reflexivo como pano de fundo para construir e potencializar o conhecimento. Foi além do ensino, ao reconhecer que as práticas pedagógicas não se dão distantes da amorosidade, da escuta, da humildade, da sensibilidade, de ver o outro e, com ele, construir oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

- O que talvez Freire diria da educação brasileira, em meio a uma pandemia?
- Quais seriam suas orientações para os professores?

Visionariamente, nos deixou muitas reflexões para que, coletivamente, buscássemos caminhos alternativos para o ensino-aprendizagem. Não deixou respostas, mas sim sinalizações, para que seguíssemos atualizando-as e compreendendo as possibilidades a serem construídas coletivamente, já que nunca acreditou em “receitas” prontas mas, sim, em possibilidades coletivas, respeitadas e comprometidas com as individualidades.

Freire nos deixou um pensamento crítico, o que reitera as reflexões acima:

Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade (FREIRE, 1967, p. 39-40).

Criticidade, reflexibilidade e autenticidade são algumas palavras deixadas pelo autor como orientação para que pudéssemos seguir encontrando caminhos, potencializando nossas práticas pedagógicas e, a partir delas, criar possibilidades de fortalecer o conhecimento, formando pessoas críticas, atuantes e inconformadas com as “mazelas” sociais.

Esse é o legado deixado pelo patrono da Educação brasileira - Paulo Freire - valorizado e revivido no ano em que completaria um século, sendo que a maior parte de sua vida foi dedicada a nos ensinar pelo exemplo: como edificar vidas na escola e nas práticas sociais.

Esta escrita é tecida em consonância com o legado deixado por Freire, ao trazer reflexões considerando a formação de professores como pano de fundo para potencializar as práticas pedagógicas. Para Freire (1996, p.18) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

É com essa visão crítica-reflexiva que o autor nos convoca a re-olhar nossas práticas pedagógicas, tendo como ponto de partida a formação docente que, interconectada com a teoria, pode balizar e qualificar a prática docente.

Para Freire,

O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua in-submissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instiga-

Capítulo I: A formação docente ancorada na perspectiva freireana

dores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p. 13).

Um educador democrático, articulador de oportunidades que não nega a sua prática docente, incentiva seu aluno a protagonizar, reconhecendo a rigorosidade metódica, necessária, como um comprometimento com as práticas pedagógicas, ampliando possibilidades e incentivando o espírito científico e criativo. Como alavanca de protagonismo, a produção de vídeo se torna uma potencialidade metodológica que pode ampliar e maximizar a construção do conhecimento.

Nesse sentido, Pereira (2014, p. 99), concordando com Freire (1996), reafirma que:

Cabe ao professor ser o mediador dos processos de aprendizagem através das tecnologias, inserindo-as no contexto de sala de aula com uma postura dialógica, comunicacional de parceria com os alunos, trabalhando em conjunto, construindo conhecimento, educando com sentido, a partir não só do diálogo, mas também da intuição que adquiriu ao longo dos anos.

Pereira (2014) e Freire (1996), em diferentes tempos, reconhecem que o professor é o mediador de conhecimento, que oportuniza possibilidades, incentivando à pesquisa e à descoberta.

Segundo Freire,

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que- fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, do que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente *desrigoroso*, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da

Capítulo I: A formação docente ancorada na perspectiva freireana

educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente (FREIRE, 1996, p. 14).

O autor afirma que a pesquisa é o eixo central da aprendizagem e que essa é um processo repleto de curiosidade, de buscas permanentes e inacabadas, o que deve ser potencializado no dia a dia da sala de aula¹, nas práticas pedagógicas diárias, as quais são fomentadas pela formação de professores e o estudo reflexivo. Essas formações contribuem para a escolha de metodologias criativas que incentivem os alunos a ampliarem seus conhecimentos através da pesquisa.

De acordo com Freire,

[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 1996, p. 13).

É nesse exercício do aprender a aprender, exercido, permanentemente, com criticidade, curiosidade e flexibilidade, que se amplia as possibilidades de aprendizagem.

Nesse sentido, Freire reafirma que:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1996, p. 15).

Professores, que aprendem constantemente, despertam a curiosidade em seus alunos. Com essa curiosidade aguçada pelo docente é que se constrói o conhecimento, o qual não se finda, se amplia e cria oportunidades individuais e coletivas.

Cabe salientar que para Freire “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática” (FREIRE, 1991, p. 58).

Concordando com o autor, é no dia a dia do fazer pedagógico que aprendemos a aprender e nos tornamos professores. Os sabores e dissabores das rotinas da escola, das entranhas dos planejamentos, das aulas que dão muito certo, em que os alunos entendem a proposta, pesquisam, se articulam e talvez tenham muitas perguntas, a àquelas que se percebe de pronto, que mesmo que tenham sido planejadas, não

estavam de acordo com o que os alunos precisavam. Essa rotina, provavelmente, é o que transforma o ser docente e suas práticas pedagógicas. Para tanto, o processo de formação de professores implica provocar também uma autorreflexão docente para que o professor possa sentir a necessidade de expandir o olhar para outras possibilidades, entre elas a da reflexão-ação sobre a prática, a qual requer uma consciência reflexiva questionadora e articuladora de ideias e ações, que desafiem e instiguem seus alunos a ampliarem seus conhecimentos, tecendo saberes e descobertas. Entretanto, esse movimento precisa ser experienciado pelo professor em suas vivências, numa análise crítica sobre o trabalho desenvolvido.

Freire (1996, p. 42), assinala que “a prática docente crítica envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

Na busca entre o fazer e o pensar sobre o fazer, conforme o autor, acredito que a formação continuada de professores seja um processo complexo, o qual exige movimento, desprendimento de conceitos, num processo contínuo, individual e coletivo, sendo que para este último é preciso que a escola oportunize esse espaço de reciprocidade, de estudo, de reflexão, num movimento permanente e dialético.

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos inserta no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança (FREIRE, 1996, p. 24).

O(A) professor(a) que possui uma consciência reflexiva tem a possibilidade de multiplicar conhecimento num dos espaços mais potenciais para o conhecimento: a sala de aula (presencial e virtual). Docentes inacabados e curiosos buscam despertar a curiosidade em seus alunos, instigando a pesquisa, a autonomia e sobretudo, oportunizando o protagonismo discente. Tudo isso construído no dia a dia das práticas pedagógicas.

Para Freire,

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem (FREIRE, 1996, p. 20).

O encorajamento docente que Freire nos sinaliza, não se dá na repetição, mas na compreensão generosa e audaciosa construída no espaço escolar. Não pautada em respostas prontas, mas em perguntas significativas.

O papel da formação de professores precisa estar conectado a esse cenário, contribuindo, refletindo, sinalizando oportunidades. Para tanto, as formações docentes precisam estar pautadas na realidade vivida pelos alunos, numa inter-relação com a teoria dando suporte para o professor qualificar suas práticas pedagógicas, não desqualificando o passado, mas potencializando o novo cenário vivido pela escola e seus atores (alunos e professores).

Para Freire,

A aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo (FREIRE, 1996, p. 17).

Indo ao encontro do pensamento freiriano, é importante considerar os ensinamentos passados e entender suas particularidades, para, então, poder ampliá-los ou modificá-los.

A produção de vídeo estudantil nas práticas pedagógicas

Propositalmente, as reflexões sobre a formação de professores veio anterior a este capítulo, para que pudéssemos discorrer sobre o quanto esse processo é valioso para potencializar as práticas pedagógicas docentes. Não há como falar de prática pedagógica, sem falar em formação docente. Até porque, Freire deixou claro, que ambas estão inter-relacionadas e conectadas entre si. E são nessas práticas vividas em sala de aula que a produção de vídeo estudantil se torna uma das metodologias que permite aos professores e aos alunos vislumbrarem outras possibilidades, pesquisando, aprendendo, estudando, conhecendo, descobrindo e construindo saberes.

Relembrando que o objetivo desta escrita é promover reflexões *com* e *sobre* a produção de vídeo estudantil a partir da concepção de Freire. Na mesma linha de pensamento, Pereira e Mattos (2017, p.12) afirmam que “a produção de vídeo estudantil respeita o tempo dos alunos, respeita suas habilidades. É uma ação que desperta interesse dos alunos...”.

Despertar interesse é oportunizar a criatividade, respeitando as individualidades dos educandos para além dos conteúdos. Trabalhar de forma interdisciplinar com o aluno se torna uma maneira de aguçar a sua curiosidade, bem como de ampliar conhecimentos entre alunos e professores.

Para Freire, a curiosidade

Humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que podemos nos defender de “irracionalismos” decorrentes ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado. E não vai nesta consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas de outro a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa (FREIRE, 1996, p. 15).

É essa curiosidade “crítica, reflexiva e indócil” apontada por Freire que desmobiliza e sensibiliza. O autor, já antevendo as diversas possibilidades apresentadas pela tecnologia, menciona as tantas descobertas e as inúmeras indagações que essa ferramenta pode despertar nos usuários, e foi exatamente isso que aconteceu em um tempo recorde.

É na curiosidade que emerge o aprendizado significativo. Seja qual for o componente curricular, é papel do professor aguçar a curiosidade dos alunos, apresentando conteúdos e dando sentido ao que o aluno ouve, experimenta e conhece em suas aulas. E isso se dá através de boas perguntas. Instigando a descoberta, provocando a indagação e a pesquisa.

Freire (1996, p. 33) ressalta que:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de *resposta* a perguntas que não foram feitas. Isto não significa realmente que devamos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos* (FREIRE, 1996, p. 33).

É nesse cenário inquieto que a produção de vídeo estudantil está ancorada promovendo a desacomodação do aluno, através de indagações significativas que necessitem de pesquisa e curiosidade.

Para Pereira,

As contribuições da produção de vídeo estudantil como prática pedagógica podem ser verificadas em diversas áreas do saber (...). A produção de vídeo feita por alunos dentro do espaço escolar é uma ação recente, por isso necessita de teorias emergentes dentro do espectro de ensino-aprendizagem [...]. Desse modo, pode-se dizer que metodologias de ensino que incentivam a produção de vídeo no contexto escolar estão vinculadas ao ato de repensar as práticas de ensino, pois ao investir em ações pedagógicas diferentes da rotina das aulas tradicionais, tanto o professor quanto o aluno precisarão buscar novas informações e conhecimentos para se adaptarem às necessidades de orientação e produção audiovisual. Sob essa perspectiva, o professor precisará estar disposto a refletir, pesquisar e conduzir questões imprevistas que podem surgir no decorrer das ações, acrescentando conhecimento aos saberes que o educando traz consigo. Essa prática pode ser de especial relevância para instigar o aluno a pesquisar e buscar por si próprio conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento de sua produção (PEREIRA, 2018, p. 7).

Ratificando as ideias de Pereira (2018), Freire (1996, p. 88) menciona que “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado da sua razão de ser”.

Nesse sentido, Pereira (2018, p. 6) afirma que ao repensar a prática de ensinar trazendo como possibilidade a produção de vídeos estudantis, se busca interagir com o universo do estudante, aproximando-se de suas vivências, considerando-se sua bagagem cultural e seus saberes.

Considerar as individualidades e os contextos singulares e plurais é um dever da escola e deve fazer parte das práticas pedagógicas docentes. Nesse sentido, a produção de vídeo estudantil é uma das significativas metodologias que podem contribuir com esse cenário de aprendizagem. Uma prática que não se esgota, mas que amplia possibilidades de aprendizado. Alunos e professores ensinam e aprendem, sendo que o professor é o mediador do conhecimento, é aquele que guia o aluno para novas descobertas.

Para Freire,

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos (FREIRE, 1996, p. 21).

Estar envolvido numa proposta metodológica que vá além do cotidiano das práticas pedagógicas e que promova o desenvolvimento cognitivo através da criatividade, num movimento reflexivo, que inter-relacione teoria e prática, é o que a produção de vídeo promove com os alunos, quando entendida como valiosa metodologia que aguça a imaginação, instigando a criatividade através da pesquisa e, sobretudo, tendo o aluno como protagonista do processo de aprendizagem, porque, conforme Pereira,

Envolver o estudante na produção de vídeo estudantil possibilitando que ele tenha a oportunidade de expressar o seu mundo, divulgar seus conhecimentos à sua maneira, considerando seu modo de pensar, poderá tornar as disciplinas escolares mais próximas às necessidades imediatas dos educandos. Além disso, essa prática abre a possibilidade de esses alunos/pesquisadores divulgarem seus saberes, compartilhando com os colegas de classe e demais agentes da comunidade escolar o material produzido, incentivando positivamente a autoestima do educando, sendo este um passo importante para o seu crescimento, afinal a mensagem do vídeo decorre de como o estudante está envolvido em sua produção (PEREIRA, 2018, p. 7).

Nesse sentido, compactuando com as ideias do autor, a prática da produção de vídeo estudantil possibilita potencializar o ensino e a aprendizagem concomitantemente, ampliando horizontes para os estudantes, os quais têm a oportunidade de expressarem suas curiosidades e descobertas, dando voz e vez ao imaginário, compartilhando ideias, saberes e sonhos juvenis. Para o professor, é a oportunidade de maximizar suas práticas pedagógicas, porque ao ensinar eles também aprendem, e é nesse momento que se encontra a reciprocidade do conhecimento ampliando e multiplicando saberes.

A produção de vídeo estudantil instiga a autonomia dos alunos, pois eles têm a oportunidade de organizarem seus tempos e espaços. Nessa perspectiva, Freire ressalta que:

Respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão*. O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 1996, p. 25).

De acordo com Freire, temos um compromisso com a dignidade do educando, portanto, cabe sim ao professor instigar essa autonomia compromissada com a curiosidade e a criatividade. No entanto, o que permeia todo e qualquer processo de ensino e aprendizagem com significado é o diálogo comprometido com os sujeitos e suas vivências.

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos e empoderados do seu papel consigo e com os outros, instigados a contribuir significativamente, com tudo que os cerca (FREIRE, 2002, p. 25).

Nesse contexto, um dos elementos que contribui com essa autonomia discente é a produção de vídeo estudantil, que provoca reflexões e possibilita ampliar o conhecimento, instigando a criatividade dos educandos, unindo a teoria e a prática de maneira recíproca. E nestes, conforme Freire, o bom

Clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele (FREIRE, 1996, p. 44).

É com esses limites em permanente exercício, desburocratizados e inacabados, que o professor amplia as possibilidades de aprendizagem com seus alunos, superando suas limitações e criando espaços de aprendizagem, permeados pelas múltiplas aprendizagens, oriundas da produção de vídeo estudantil, a qual é uma prática desburocratizada, que promove a curiosidade onde alunos e professores se tornam protagonistas no aprender/ensinar.

Nesse mesmo sentido é que Freire procura trabalhar em sala de aula, pois conforme o autor

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho aos educandos (FREIRE, 1996, p. 28).

Um esforço que busca superar as limitações e se rende à boniteza da prática educativa, por respeito e amor aos educandos. Essa, talvez, seja uma realidade vivida por docentes ao produzir vídeo estudantil com seus alunos, num aprender contínuo, pois a aprendizagem sempre precede a ensinagem, conforme reitera Freire (1996, p.13):

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistia validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.

Aprender a aprender para ensinar e aprender ensinando, esse foi o legado que Freire nos deixou e, com ele, a produção de vídeo estudantil como uma prática metodológica que faz esse percurso lindamente, provando que professores e alunos podem, juntos, aprender, ensinar, produzir, bem como resistir aos obstáculos inerentes ao cenário incerto e desafiador, vivido por todos (FREIRE,1996).

É a partir deste saber fundamental, conforme Freire (1996, p. 31), “mudar é difícil mas é possível” que precisamos seguir contribuindo e ressignificando as práticas pedagógicas. Olhar entre as frestas, mesmo que tardias e reconhecer que a sala de aula (presencial e virtual) é um espaço de aprendizagem recíproca (alunos e professores).

Palavras finais

No decorrer deste capítulo trouxemos muitas reflexões e, sobretudo, uma retomada da obra de Paulo Freire e do legado que ele nos deixou para que pudéssemos redescobrir possibilidades num movimento de ação-reflexão-ação. Compreendemos que para ensinar é preciso aprender e que se aprende ensinando. A partir dessas reflexões, entendemos que a escola é um espaço rico de possibilidades e que professores e alunos devem ser protagonistas experimentando, arriscando, descobrindo, reinventando e ampliando o conhecimento. O respeito, a amorosidade, a alegria, a ética e o compromisso docente devem estar intrínsecos nas práticas pedagógicas. Por outro lado, percebemos que a produção de vídeo estudantil é fomentada pela formação de professores reflexivos, comprometidos com as práticas pedagógicas e que, visionariamente, é uma prática já sinalizada por Freire.

Mesmo diante das intempéries vividas em meio à pandemia, podemos perceber que a utilização das tecnologias em sala de aula adentraram outro cenário: reflexivo, provocador e viabilizador de possibilidades, no que tange às práticas pedagógicas. Dessa forma, a produção de vídeo estudantil com os alunos é uma potencial possibilidade de maximizar e ampliar conhecimento.

Sendo assim, a escrita aqui tecida foi incentivada pela generosidade de Freire no ano em que comemoramos seu centenário, de um legado rico de aprendizagens e de um esperançar enfeitado de singeleza e amorosidade pela educação.

Poema “À sombra da mangueira” (Paulo Freire, 1995)

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera, vive um tempo de espera vã.
Por isso, enquanto te espero, trabalharei os campos e
conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
Minhas mãos ficarão calejadas;
Meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
Meus ouvidos ouvirão mais;
Meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera, porque o meu tempo de espera é um
tempo de que fazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir.
É perigoso falar.
É perigoso andar.
É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,

antes te denunciavam.

Esperarei a tua chegada

Como o jardineiro prepara o jardim, para a rosa que se abrirá na primavera.

Capítulo II:
As metodologias ativas na
concepção de Freire

O professor como pesquisador é uma das ações que devemos incentivar a todo momento, pois a educação não é um espaço de depósito de conhecimento, pelo contrário, é um dos espaços que está em modificação, em conjunto com a sociedade.

Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p. 29).

Queremos analisar as concepções freirianas na visão da produção de vídeo estudantil e suas relações com as Metodologias Ativas. Primeiramente, é importante ter em mente que estamos falando da relação Cinema e Educação e essa ação ocorre, pois a educação pega “emprestado” ações técnicas e teóricas do cinema, no entanto, são necessárias algumas adaptações para a realidade da educação. Pereira e Silva (2018) defendem que essa relação ocorre no recorte transversal entre as teorias e que esse deslocamento conceitual deve ser feito respeitando as particularidades de cada área do conhecimento.

A relação do cinema com a educação na prática é algo novo, Roquette-Pinto em 1908 já debatia o ver vídeo, mas o realizar vídeo é algo recente dentro das pesquisas acadêmicas. Assim, as teorias do cinema são utilizadas para o fazimento de vídeo. Nós, enquanto autores e pesquisadores, realizamos o deslocamento conceitual, ou seja, trazemos do cinema ações técnicas para serem usadas na educação. Percebemos que os alunos quando produzem vídeo debatem várias questões. Dentre elas, questões sociais, principalmente os alunos de periferia que começam a ter ideia da força do vídeo para debaterem a sua realidade.

Freire sempre mencionava que era importante os docentes e os discentes terem consciência do seu lugar no mundo, para poderem reivindicar este espaço como seu também. A relação educando-educador, em muitos momentos, reforça as atitudes alienantes e opressoras da sociedade, em que quem detém o poder, manda; e o outro

apenas obedece. Quando o professor “aluga” o ouvido do aluno por 4 horas. Mas podemos questionar por que a educação é assim? Ou qual o motivo de fazerem ela ser assim? Freire defendia um docente que tivesse a visão de criar em sua aula uma revolução, em que o aprendizado seria o espaço de libertação, ou seja, criando com o aluno a visão crítica da vida e do mundo. O problema é que uma educação crítica vai contra o poder hegemônico e aos interesses das classes opressoras. Por isso, a relação entre educação e política é estreita.

[...] estes homens – analfabetos ou não – não são marginalizados. Repetimos: não estão “fora de”, são seres “para o outro”. Logo, a solução de seu problema não é converterem-se em “seres no interior de”, mas em homens que se libertam, porque não são homens à margem da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura (FREIRE, 1980, p. 75).

Mas para que a educação seja libertadora é preciso formar discentes que estejam à frente de seu processo educacional, ou seja, estejam ativos dentro do processo educacional, com consciência crítica da realidade e, sobretudo, que tenham autonomia.

Metodologias ativas

Metodologias ativas englobam uma concepção do processo de ensino e aprendizagem que considera a participação efetiva dos alunos na construção da sua aprendizagem, valorizando as diferentes formas pelas quais eles podem ser envolvidos nesse processo para que aprendam melhor, em seu próprio ritmo, tempo e estilo (BACICH; MORAN, 2018, p. 23).

Primeiro é importante conceituar o que chamamos de Metodologia Ativa, que muitos professores acreditam ser algo novo, mas que Freire já defendia há muito tempo, apenas renomearam essas ações com uma metodologia e organizaram em pequenas ações. Basicamente, a Metodologia Ativa tem o aluno como o protagonista de sua aprendizagem é ele quem irá construir o próprio conhecimento, e o professor é responsável por mediar e orientar o aluno nesta caminhada de aprendizagem. A partir disso, pode-se afirmar que esse é um conceito freireano.

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhe-

cer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior - o de conhecer, que implica re-conhecer (FREIRE; HORTON, 2003, p. 47).

Freire reitera que “O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito, igualmente capaz de conhecer” (FREIRE; HORTON, 2003, p. 47), podemos inferir dessa passagem justamente sobre a questão do aluno ser agente do seu aprendizado. Para Freire, o docente deve conhecer a realidade do aluno no seu contexto, para assim utilizar os signos que o aluno compreende pode agir como agente do seu aprendizado. Aqui nos deparamos com outra questão, o que estamos chamando de aprendizado?

John Dewey (1976), contemporâneo de Freire, adepto de pressupostos de uma perspectiva ligada ao escolanovismo defendia o aprender fazendo e é neste fazer que o aluno cria necessidades de ter outros tipos de conhecimentos, isto é, realiza pesquisas que visam a sanar a falta de conhecimento em uma determinada ação. Freire parte de outra perspectiva metodológica, mas que se comunica com essa ação. Perceba que Dewey está também defendendo o aluno na construção de seu conhecimento, que o ensino seja centrado no aluno, pois é ele que tem a função mais importante no processo educacional, se o ensino é para o outro “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 31).

Segundo Freire, a educação deveria provocar no aluno a curiosidade, o questionamento, fazendo com que o aluno tenha a possibilidade de pesquisar e ter acesso a outras informações contribuindo para o seu processo de aprendizagem. Quando analisamos as metodologias ativas, percebemos que ela estimula o aluno a refletir e debater seus processos de aprendizagem. Aqui vale a pena um questionamento, o que é aprender e quais são essas ações? Ensinar tem várias ações e uma delas, é justamente explicar ou transmitir algo a alguém usando uma intencionalidade pedagógica, e esse processo passa pelo método que irei utilizar, minha didática. É preciso que a escola se preocupe em oferecer uma educação que respeite a individualidade de cada aluno, pois aprender é uma ação subjetiva do indivíduo, precisamos criar ações para que este sujeito tenha possibilidade de aprender no seu tempo que é diferente do tempo da escola e, por isso, a educação se torna um espaço de segregação.

Ao analisarmos as metodologias ativas, percebemos que elas são responsáveis pela provocação e reflexão feitas pelos alunos levando-os a debater seus processos, a criarem ações cognitivas e subjetivas do seu ser.

Sendo assim, a seguir, iremos apresentar algumas metodologias ativas e as suas relações com os conceitos de Freire.

Aprendizagem baseada em projetos (ABP)

Esta metodologia, provavelmente, seja uma das mais antigas formas de ensinar que os professores utilizam em sala de aula. A aprendizagem baseada em projetos é desenvolvida há muitos anos pelos docentes. Qual o professor que nunca pediu para os alunos fazerem uma maquete em casa e em grupo? A ideia da ABP é proporcionar ao aluno uma ação em que ele deve explorar, criar hipóteses e testá-las na prática em um projeto. A ação de produzir vídeos é uma ABP, pois o aluno tem a ideia e precisa criar ações mentais para a sua realização final, como por exemplo: o aluno construir um cartaz do filme a ser gravado. Essa ação projeta uma ação futura.

A ideia do ABP é possibilitar ao aluno investigar fora do espaço escolar situações que possibilitem a realização do projeto desejado. Assim, o aluno estará à frente do seu processo de aprendizagem, pesquisando, refletindo e debatendo com o seu grupo como realizar o projeto proposto. O próprio Freinet com o seu projeto de escrever cartas já exercia a função do ABP.

Toda a nossa pedagogia está baseada nos utensílios e nas técnicas. São eles que modificam a atmosfera da vossa aula, e assim, o vosso próprio comportamento, tornando possível este espírito de libertação e de formação que é a razão de ser das nossas inovações (FREINET, 1975, p. 115).

Isso ocorre, pois de acordo com Freire (2010) e Freinet (1975) a escola está em um divórcio com a sociedade e precisamos unir essas duas entidades.

Verificava-se um divórcio total, e inevitável, entre a vida e a escola. O trabalho que éramos, deste modo, obrigados a fazer, perdia por este facto todos os benefícios do trabalho vivo, tornando-se uma tarefa fastidiosa e sem qualquer objetivo (FREINET, 1975, p. 24).

Indo ao encontro das ideias do autor, produzir um projeto pode ser um momento em que o professor tem a possibilidade de entender a realidade desse aluno diante de suas dificuldades em produzir o projeto e os motivos que o afastam desse realizar.

Aprendizagem baseada em problemas tem como base o fazer, é necessário deixar o aluno ativo no seu fazer, pois como nos informa Freire “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 2010, p.44).

Produzir vídeo é levar o aluno a repensar, a criar, a ter curiosidade e inquietação diante do fazer, é fazê-lo criar mapas mentais para solucionar o problema que surgiu.

Sala de aula invertida

A então nomeada sala de aula invertida é uma das ações realizadas pelos professores em sala de aula há muitos anos. A sala de aula deveria ser um local para que os alunos pudessem tirar suas dúvidas, como por exemplo, quando o professor pede aos alunos para lerem sobre um determinado assunto para, após, debaterem em aula. Nessa situação, o aluno estuda previamente um tópico específico para depois, em aula, debater com seus pares, refletindo sobre o aprendizado que foi realizado. Nessa premissa, posteriormente, o docente debate com os alunos sobre o tema específico.

Um exemplo clássico de sala de aula invertida, é a criação de um roteiro, em que o professor lança uma questão ou assunto para os alunos pensarem e pesquisarem. Aqui apresentamos como exemplo o cinelube estudantil criado pelo Lab PVE que apresenta vídeo feito por alunos da educação básica. Dessa forma, após pesquisas e debates coletivos entre os alunos, com mediação do professor, este os convida para apresentar o roteiro para os outros alunos. Assim, o docente vai dialogando com os estudantes sobre o curta realizado.

Indo ao encontro desse cenário, é importante revisitar Freire que defendia que a sala de aula deveria ser um ambiente interativo em que professores e alunos interajam num diálogo recíproco. Ancorados nessa premissa Freireana é que se encontra a produção de vídeo estudantil, um ambiente interativo, dialógico e criador de oportunidades entre professores e alunos.

Aprendizagem entre pares

Essa ação é uma das mais antigas na relação educacional. Quantos de nós professores não realizamos em nossas aulas um momento em que separamos os alunos em grupos para debater um assunto específico. Aprendizagem entre pares é quando o docente instiga os alunos e eles debatem um tópico entre si, e assim, aprendem e ensinam, ou seja, trocam informações sobre o tópico estudado ou debatido. O professor, nesse contexto reflexivo, atua como mediador e viabilizador de caminhos, pesquisando, sanando dúvidas dos alunos (individual e coletivamente). Atualmente, a tecnologia se tornou uma ferramenta importante para pesquisa, já que as dúvidas são sanadas de forma rápida, tendo em vista a característica imediatista da internet.

[...] Não é possível ao(à) educador(a) desconhecer, subestimar ou negar os saberes de experiência feitos com que os educandos chegam à escola. [...] Partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. [...] Partir do “saber de experiência feito” para superá-lo não é ficar nele (FREIRE, 1992, p. 59; 70-71).

A aprendizagem entre pares contribui para que o docente possa conhecer as múltiplas aprendizagens dos alunos e a suas relações com o conteúdo abordado.

Na produção de vídeo estudantil a aprendizagem por pares é realizada desde o roteiro, no ensaio com os atores, gravação e edição final, pois muitas etapas são desenvolvidas em grupos. O papel do professor é de mediador e orientador, como na produção do curta na decupagem (divisão de um roteiro em cenas, sequências e planos numerados, para facilitar a gravação) e na edição final, em que várias versões podem ser realizadas e apresentadas.

Cultura *Maker*

A cultura *maker* não é tão comum de ser realizada na escola, mas é realizada na produção de vídeo estudantil. O aluno tem a possibilidade de experimentar a resolução de um problema de uma forma diferenciada, com liberdade de se expressar e atuar.

Incentivar alunos a criarem, a serem autônomos e trabalharem com os colegas de forma colaborativa, contribui com o desenvolvimento de várias habilidades, dentre

elas, as habilidades socioemocionais. O docente deve instigar os alunos a serem criativos, colaborativos, sempre levando em consideração a sustentabilidade. Neste caso consideramos que a produção de vídeo é um elemento *maker*, já que tem a prática da produção de vídeo e o fazer, isto é, contribui para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, tendo a experimentação e o fazer na prática como uma das principais estratégias de desenvolvimento. Assim, oportunizando a apropriação de novos conceitos e mapas mentais para resolver um dado problema.

Storytelling

A *storytelling* é a capacidade de contar histórias, essa é uma ação iniciada na educação infantil e se prolonga por todo o processo educacional, seja na criação ou no debate. A produção de vídeo estudantil apresenta a *storytelling* como uma das estratégias para aprender a contar e a narrar. Tal ação estimula a criatividade e os relacionamentos dos alunos de forma interpessoal, além de despertar a atenção, já que o estudante tem que compreender os pontos-chave da história que está sendo narrada. O ato de criar uma história leva o aluno a trazer para a escola um pouco do seu universo simbólico e a sua subjetividade.

Metodologia Produção de Vídeo Estudantil (PVE)

Quando falamos de produção de vídeo estamos tratando de uma ação comum dentro da sociedade contemporânea, porém quando pensamos a mesma ação de produção de vídeo e levamos para o campo educacional, ou seja, produção de vídeo estudantil, percebemos várias mudanças dentro desta transposição conceitual entre áreas diferentes. Nessa transposição entre as áreas do conhecimento ou o recorte transversal como defendem Pereira (2014) e Silva (2018), que apresentam essas ações como distorções e perdas, pois não é apenas a mudança de uma área para outra, ou de um conhecimento singular, mas uma readaptação da área do conhecimento geradora para a receptora. A receptora deve adequar o novo conhecimento a sua necessidade. A produção de vídeo

é um artefato técnico, tecnológico, poético e comercial. Essa transposição para área educacional sempre esbarra em questões técnicas, na maioria das vezes pela ausência e/ou deficiência dos recursos tecnológicos das escolas e dá ênfase à questão educacional, pois se não o for essa produção é uma ação inócua dentro do processo educacional.

O Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE- criado em 2011) tem como base essa produção audiovisual realizada por estudantes e defende que a produção de vídeo vale pelo processo que os alunos levam na sua realização e não o vídeo como obra audiovisual. Ao observarmos, percebemos que essa visão já modifica a questão do cinema em que o produto final é a maior importância por se tratar de uma obra comercial. O processo de produzir vídeo estudantil tem que ser pedagógico, não o vídeo em si, mas toda a ação que envolve a produção. A ação de produzir vídeo pelos alunos traz consigo todas as ações sociais e psicológicas do aluno. Um exemplo dessa ação é a análise feita por Pereira e Mattos (2017) do Festival de Vídeo Estudantil realizado na cidade de Capão do Leão, onde descobriram que mais de 80% dos vídeos apresentados pelos alunos tinham uma temática social, ou seja, os alunos estão debatendo a sua realidade quando produzem vídeo.

O LabPVe, em seus 10 anos de pesquisa, oficinas e debates auxiliou na criação de métodos que contribuem para que os professores da educação básica possam utilizá-los, não como uma “receita”, mas como um espaço de navegação livre e não cartesiano. Um espaço em rede, em que instigar a ter ideias e *insights* é mais importante que o produto final apresentado, contribuindo para que o aluno modifique a criação do roteiro e do ensaio dos atores, ou seja, deixar o aluno falar sobre a situação. Assim, a decupagem se realiza em três planos: narração de cenas, vídeo foto e edição linear.

A metodologia PVE é um caminho que sinaliza ações que o docente pode aplicar na produção de vídeos estudantis com seus alunos e estes, são ativos em todos os momentos da produção do vídeo. Nesse processo, o docente pode e deve contribuir utilizando ações do currículo oculto e as interações com outros alunos no ambiente social.

A área do Cinema tem relevante participação na realização e comercialização de filmes, tornando-se uma considerável fonte de renda para muitos países. Além disso, o cinema é uma forma de se debater e refletir sobre a sociedade. Quando técnicas do cinema são usadas na educação, não podemos, simplesmente, realizar o recorte transversal e utilizá-lo no processo educacional, já que a função primordial da educação é o processo de aprendizagem. Para que a produção de vídeo seja de fato produtiva, pedagogicamente, é necessário que ela contribua no processo de aprendizagem dos alunos.

Capítulo II: As metodologias ativas na concepção de Freire

O endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis. Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador (MINAYO, 1992, p.16).

A metodologia PVE entende que o pressuposto de produzir vídeo sai do empirismo e adentra o espaço objetivo da criatividade, produzir vídeo com os alunos vai além da técnica, é criar e dialogar. É preciso dar voz ao aluno dentro do espaço escolar, já que o seu vídeo faz parte da sua realidade e do seu universo simbólico.

A metodologia PVE foi desenvolvida com intuito de contribuir para que professores e alunos possam realizar vídeos dentro do espaço escolar, não de forma técnica, mas pedagógica e artística, realizando o recorte transversal entre as áreas do conhecimento. Ela aponta caminhos, não de forma impositiva, mas de forma norteadora e que permite aproximações conceituais entre a teoria e a prática pedagógica.

A escola é um espaço para proporcionar e construir conhecimento com os educandos e, antes de tudo, um espaço de socialização e ampliação de possibilidades, e de troca. Logo, é responsável também pela formação cidadã do indivíduo. A sala de aula é um ambiente de criação, produção e de construção, onde os professores podem mediar o conhecimento com os estudantes e aproveitar a metodologia PVE para analisar, refletir e debater sobre a sociedade, contribuindo para que o professor tenha possibilidade de criar junto aos alunos a consciência de si e do outro. O professor não é um produtor de mídia, é um docente que tem ações pedagógicas para realizar vídeos com seus alunos. A escola não pode ser apenas um espaço de apresentação do conhecimento acumulado pelo professor. Ela deve ser uma espaço aberto à criação e ao debate, sobretudo através de experiências que os alunos vivem, assim a produção de vídeo estudantil pode ser uma das práticas que contribuem com essa ação docente, ou seja, produzir conhecimentos e experienciá-los na prática.

Atualmente, a produção de vídeo está cada vez mais atrelada ao dia a dia da humanidade, dessa forma, é fundamental capacitar os alunos sobre essa técnica, trazendo-os para essa nova realidade.

Sendo assim, podemos afirmar que produzir vídeo é uma metodologia ativa, pois consegue englobar todas as metodologias ativas em uma única ação. Claro que essa é uma visão dos autores do livro e do grupo de pesquisa Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil da UFPel. Sabemos que alguns pesquisadores colocam a PVE dentro das Metodologias Ativas, mas defendemos que a PVE é uma Metodologia, já que apresenta vários passos e ações para sua realização. Reafirmando que estas, estão ancoradas na perspectiva freireana.

Capítulo III:
Tecnologia x metodologia na
produção de vídeos estudantis

A produção de vídeo estudantil não tem o objetivo de “salvar” a educação, muito menos torná-la somente mais atrativa para os alunos, indo muito além de apertar o REC na câmera. O uso de tecnologias de produção de vídeo se tornaram mais acessíveis e visam a questionar e potencializar o seu uso, permitindo ao aluno não só o domínio tecnológico e da técnica, mas colocando-o como protagonista da sua produção do conhecimento.

Historicamente, na educação brasileira, a utilização de novas tecnologias na educação sempre esteve atrelada a ideia da *melhora* na educação. Na década de 80 e 90, as escolas brasileiras adquiriram diversos microcomputadores, salas de informática foram criadas e algumas aulas começaram a ser ministradas nesses espaços, sempre com o discurso de adentrar na educação do futuro. Contudo, poucos professores mudaram suas metodologias de ensino como forma de potencializar o uso dos computadores, pois não foi apresentada uma proposta de capacitação dos professores para o uso da máquina. Outra tecnologia implementada foi o uso de datashow em sala de aula, mudando do retroprojetor, com imagens estáticas, para possibilidade também de projeção de imagens em movimentos. A exibição de imagens em movimento era realizada com o único aparelho de televisão e videocassete da escola que ficava em uma salinha e era agendado conforme a necessidade do professor. Poucas escolas possuíam câmeras VHS para realizar capturas de imagens e a edição era realizada de forma linear com dois aparelhos de videocassete ligados, um para exibir e outro para capturar.

A problemática do uso de “novas” tecnologias na educação perpassa exatamente pela metodologia do seu uso e não somente a aquisição de equipamentos. Quais metodologias de ensino apresentam-se compatíveis diante dessas possibilidades tecnológicas? É preciso pensar nessa resposta a partir do processo de aprendizagem e também no seu produto final no diálogo de forma e conteúdo.

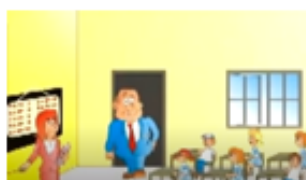
Tecnologias x metodologias

No domínio da técnica e da tecnologia é preciso sempre considerar a questão metodológica do ensino como forma de evitar a repetição de processos educacionais. A produção de vídeo estudantil está estreitamente ligada à tecnologia, seja com câmeras profissionais, semiprofissionais ou até mesmo celulares, que se diferenciam pela resolução e capacidade de armazenamento, passando pelas “ilhas de edição” que, geralmente, são computadores dos professores ou de algum aluno que já tem a curiosidade dessa etapa, realizando vídeos para serem postados. A tecnologia de produção de vídeo precisa ser enxergada como uma potencializadora de produção de conhecimento e não a substituição da metodologia do conhecimento. Na animação *Metodologia ou tecnologia* de José Cubero Allende (UNIPAC, 2007), é apresentado, em um primeiro momento, uma professora ensinando a tabuada no quadro. No segundo momento, o diretor da escola informa que a instituição entrará no futuro com aquisição de novas tecnologias. Na parte final a professora está ensinando a tabuada, da mesma maneira, com projetor e os alunos estão com computadores na sua mesa.

Figura 1 - Frames da animação *Metodologia ou tecnologia*, de José Cubero



1 – Professora ensinando tabuada no quadro



2 – Promessa de uma escola de tecnologias



3 – Professora ensinando tabuada com o projetor

Fonte: Montagem elaborada por Gregório Albuquerque.

Um exemplo, na área de produção de vídeo, pode ser visto quando o professor de alguma matéria passa que o vídeo do trabalho final deverá ser, por exemplo, sobre uma determinada doença. Os alunos pegam as câmeras e vão entrevistar os especialistas daquela doença. Entrevistam também, dentro dos limites éticos, pacientes com determinada doença e os médicos que tratam a doença. Algumas perguntas, pré-definidas, são feitas a esses personagens no estilo de reportagem. As perguntas servem como roteiro da edição, pois são separadas por blocos e as respostas repetem esses blocos. As imagens do

paciente são utilizadas como ilustração ou confirmação da fala do especialista. A pergunta que se faz é: qual conhecimento o aluno produziu seja do conteúdo seja da linguagem?

Possivelmente, as respostas dos alunos partem da reprodução das respostas das entrevistas, e os alunos que filmaram e editaram ganharam, além da reprodução também na linguagem, experiência nos processos a partir das dificuldades e necessidades impostas na produção, como um som baixo, alguém que passa no momento da filmagem, criação de títulos ou a gravação “imagem escura” entre outros. Acasos e dificuldades típicos da produção é que geram conhecimento do aluno responsável por essa etapa.

Contudo, a produção de vídeo estudantil tem, em sua metodologia, a reprodução e o diálogo com a realidade do aluno em relação à produção do conhecimento. No exemplo de produção do vídeo proposto pelo professor, algumas perguntas seriam pensadas antes das filmagens: quem são aqueles pacientes? O que eles passam? Qual a realidade deles? E a realidade deles tem relação com a do aluno?

A metodologia de produção de vídeo potencializa a produção de conhecimento na medida em que permite que a realidade exposta no vídeo não se torne meramente ilustração do que o especialista está falando. Não basta uma produção mecânica do conteúdo em que as perguntas são realizadas e respondidas, não pela relação entre a realidade do aluno com a produção do vídeo. A produção se torna algo externo e “indiferente”, sendo somente para obtenção de nota.

Os recursos tecnológicos precisam ser pensados em concordância com a metodologia de trabalho e do projeto pedagógico. É preciso utilizar as tecnologias para a produção do conhecimento e não somente como reprodução. Paulo Freire na pedagogia da autonomia, traz provocações que impulsionam realizar uma leitura crítica da realidade entre alunos e professores, entendendo a importância da consciência crítica e reflexiva de ambos e suas posturas autônomas na construção do conhecimento. Essas reflexões e considerações propostas pelo autor permitem visualizar e provocar aproximações com o campo de produção de vídeo realizada por alunos.

Autonomia de criação tecnológica e metodológica na PVE

A produção de vídeo estudantil permite, enquanto arte, o domínio da técnica e da tecnologia, ou seja, é uma metodologia que dialoga com a proposta de Paulo Freire e com

as metodologias ativas na educação. A produção de vídeo com os alunos possibilita a criação da sua autonomia no processo de ensino, de produção de conhecimento e do exercício de sensibilidade. É interessante destacar que a metodologia de produção de vídeos transforma o aluno envolvido no processo, além de outros alunos e professores que participam ativamente ou como espectadores no momento das gravações, bem como nas exposições.

No entanto, o estímulo à autonomia do aluno precisa ser acompanhado pelo educador, principalmente no início do desenvolvimento, para que o professor problematize a produção e não permita uma mera reprodução de conteúdo e de forma através da linguagem do vídeo. A produção de vídeo estudantil não pode estar ligada somente à própria linguagem consumida pelo aluno em diversos espaços, tais como: televisão, filmes e séries. Ou seja, quando o professor pede um documentário o aluno rapidamente remete-se à linguagem do Globo Repórter: “onde vivem, o que comem?” Um exemplo é quando especialistas de determinada área do conhecimento respondem às perguntas, e a realidade é apresentada somente como “ilustração” do que está sendo falado. Na parte da ficção, a linguagem da novela é tida como referencial principal. Diálogos são pensados como forma de explicar qualquer imagem, sentimento e sensações, a imagem é posta em segundo plano nessa forma. Cabe ao professor problematizar esse padrão consumido pelo aluno para que ele possa produzir para além de uma zona de conforto padronizada de linguagem, mesmo que ele tenha total autonomia no seu processo.

Como seria a forma metodológica de ensinar utilizando as tecnologias de produção e edição de vídeo para além de uma reprodução e conhecimento meramente técnico? A principal metodologia utilizada na produção de vídeos aponta para a “metodologia ativa”, conceito já apontado por Paulo Freire com a pedagogia da autonomia. Nessa metodologia o aluno é colocado como autor e o professor como ponto de apoio e mediador do processo. A autonomia do aluno é estabelecida como forma de construção do próprio conhecimento e o professor fica responsável por apresentar ao aluno, sempre o instigando a produzir seu próprio conhecimento.

A produção de vídeo é uma metodologia ativa em suas diferentes etapas de produção, como já vimos no capítulo anterior. A autonomia e o protagonismo do estudante estão presentes em todas as etapas, despertando a curiosidade do aluno em todos os momentos. O resultado da produção se transforma em um vídeo que problematiza a realidade, seja na sua produção ou finalização. O questionamento daquela realidade poderia ser realizado na proposta do professor de fazer um vídeo sobre uma doença. Por

que aquelas pessoas estão doentes? Possuem saneamento básico? Políticas públicas que permitam que elas não tenham aquela doença? O que propor diante dessa realidade? Aceitar ou transformá-la? Possivelmente, a resposta está na pedagogia de Freire que aponta para uma metodologia de transformação do aluno e sua realidade e, nesse caso, realizada através da produção de vídeo estudantil.

É necessário que o aluno entenda seu papel como produtor e a intencionalidade pedagógica daquela produção. Esse propósito objetiva a superação de estruturas padronizadas de reprodução de imagens que são realizadas também com tecnologias de ponta.

Capítulo IV:
Na prática 1 – produção de vídeo
no dia a dia da sala de aula

Como falar de produção de vídeo estudantil e sua intenção modificadora da realidade se é apenas um vídeo que a representa? O que significa a possibilidade de mudança da realidade com um vídeo produzido por alunos em contexto escolar? Para arriscar a responder essas perguntas, beberemos na fonte Freireana que permite refletir e analisar da realidade como ação criadora e modificadora. Será realizada também uma análise de dois vídeos produzidos por alunos *Zero, por quê?* e *Volta que deu errado*, permitindo um diálogo da teoria com a prática. A escolha desses vídeos se deu em função de suas temáticas e da atuação do mesmo aluno em ambos. Os dois foram interpretados pelo aluno Rodrigo Gomes¹ que se destacou atuando nos vídeos desde seu primeiro ano, ganhando vários prêmios em festivais estudantis.

O primeiro vídeo, *Zero, por quê?*, relata uma situação vivida por um aluno que sofre com a pressão pela nota zero em uma prova, trazendo à tona a discussão de processos educativos e a própria educação bancária conceituada por Freire. Uma educação que pode causar nos alunos uma certa culpa por ter tirado zero. Na educação bancária o professor “depositava” o conhecimento no educando que era considerado um cofre vazio e que ficaria cheio com as informações dadas pelos professores. A avaliação desse processo seria realizada por uma prova e, a nota zero, significaria que ele não aprendeu nada. O vídeo permite discutir processos avaliativos, ou seja, um vídeo produzido em um componente curricular realiza uma crítica ao próprio processo educacional, caminhando para uma educação libertadora.

Esse vídeo foi realizado no segundo ano do componente curricular de audiovisual em um exercício chamado *Cartas audiovisuais*², em que um grupo envia uma carta em formato de vídeo para outro grupo, que responde com outro vídeo. É um exercício para problematizar a questão da interpretação do vídeo produzido. “Era isso mesmo que queria passar?”, “qual foi a mensagem que vocês viram?” - perguntas que são realizadas a partir da exibição do vídeo para o outro que recebeu a carta.

O segundo vídeo, encenado pelo mesmo aluno, *Volta que deu errado* é uma referência ao *meme* que representa uma linha evolutiva até um momento que algo deu errado e é preciso voltar porque o final não foi como o esperado. O vídeo foi produzido por alunos, no seu terceiro ano de formação, na disciplina de audiovisual³. Apresentam já na sinopse a dúvida que percorre a narrativa do vídeo, “Jesus percebe que a Terra precisa dele, mas será que ela está preparada?”. Chamando o espectador para problematizar a partir do próprio vídeo e sua realidade representada.

A questão da realidade apontada por Freire (1996, p. 68) define que “ensinar exige apreensão da realidade”. Nossa capacidade de aprender, segundo o autor, implica a habilidade de “apreender a substantividade do objeto aprendido e não a memorização mecânica das características do objeto” (FREIRE, 2002, p. 28). O conhecimento se constrói, não como uma transferência do conteúdo do educador para o educando, e sim como um sujeito crítico que constrói o conhecimento a partir da sua participação na construção dele.

Educação como estética e o educador como um artista

O conceito de estética, no senso comum, está ligado diretamente à beleza do “esteticamente” bonito ou feio, “esse filme tem uma estética bonita, mas o roteiro é ruim”. A estética está condicionada ao aspecto do que pode ser visto da beleza sensível da criação do artista. Esse conceito, mesmo não sendo um ponto central dos escritos de Freire, sempre esteve presente em seus textos. O autor aborda a educação como estética e o educador como um artista.

Ensinar a partir da estética e ética para Paulo Freire (1996) pode ser lida na própria produção de vídeo estudantil porque a estética do vídeo precisa ser pensada, assim como a sua temática. “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 1996, p. 32).

Pensando na mesma direção dialética da educação, o diretor Glauber Rocha (2004) produziu um cinema instrumento de análise da história, na qual privilegia o homem e não o lucro e que não desvincula a ideia de educação em uma perspectiva revolucionária, através da estética e apoiada em duas concepções concretas de cultura, a épica e

a didática. Essas formas devem funcionar simultaneamente e dialeticamente para um processo revolucionário. “A didática sem a épica gera a informação estéril e degenera em consciência passiva nas massas e em boa consciência nos intelectuais. A épica sem didática gera o romantismo moralista e degenera em demagogia histórica” (ROCHA, 2004, p. 100). Como seria essa ética e estética na produção de vídeo estudantil?

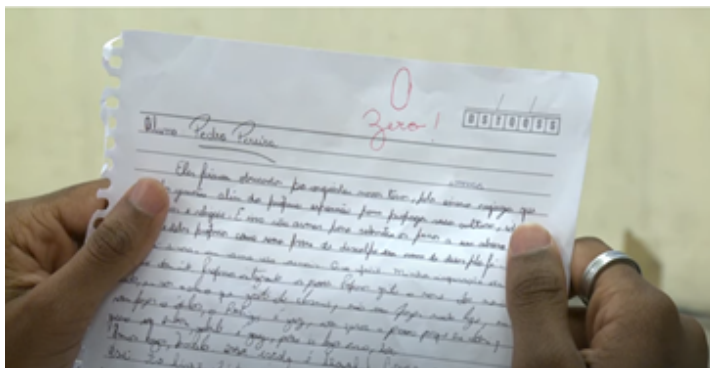
Na entrevista com o artista Ira Shor, Paulo Freire faz considerações entre educação e a arte a partir de uma perspectiva transformadora. Para o autor, a educação é um ato de conhecer, e conhecer é algo bonito. “A amplitude do ato de conhecer é desvelar um objeto, o desvelar dá ‘vida’ ao objeto” (FREIRE apud SHOR, 1996, p. 509).

A ação de conhecer é uma tarefa artística porque “nosso conhecimento tem uma dada qualidade de vida, cria e anima objetos com o nosso estudo a respeito deles”. Segundo o autor, o ato de formar e de conhecer possuem natureza estética porque nós, educadores, a realizamos sem estarmos conscientes o tempo todo do seu aspecto estético e seu impacto sobre os estudantes. “Oi! Como vão vocês?” É o início de uma relação estética porque o educador cria uma estratégia de uma pedagogia libertadora. Uma educação que é simultaneamente “certa teoria do conhecimento entrando na prática, um ato político e estético” (BERINO, 2017, p. 4).

Se o educador, através de gestos e ações cotidianas, já desenvolve uma educação de natureza necessariamente política e artística, então quando se produz um vídeo com seus alunos, essas ações são colocadas de maneira visível desde a produção até a exibição. A partir do esclarecimento do próprio educador, “há simultâneos momentos de teoria e de prática, arte e política, o ato de conhecer é criar e recriar objetos e isto é formar os estudantes que estão conhecendo” (SHOR; FREIRE, 1996, p. 496).

Zero, por quê?

Figura 2 - Frame do vídeo *Zero por quê?*



Fonte: Captado por Gregório Albuquerque. Ensaio Audiovisual, online, 2016.

*Zero, por quê?*⁴ “Aleatoriedades do universo” é a sinopse descrita pelos alunos ao vídeo que retrata um momento de um aluno ao receber zero na sua prova. O aluno começa se questionar o porquê do zero, colocando a culpa nas aleatoriedades do universo. Porém o sentimento que se remete, possivelmente, por não ter estudado a matéria. A apreensão da realidade é realizada pelo aluno na própria crítica à educação bancária, provavelmente vivenciada por ele, realizada pela aplicação de provas e notas de avaliação. Segundo Freire, na concepção bancária,

a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição (FREIRE, 1970, p. 38).

A educação bancária não compreende uma intervenção no mundo e não estabelece o diálogo, característico de uma educação libertadora. É a educação que transfere valores e conhecimentos sem superar a realidade opressora, mantendo e estimulando a contradição. Para esse tipo de educação, a realidade é algo parado e estático,

compartmentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação (FREIRE, 1970, p. 37).

No vídeo, o zero representa que o aluno não estudou e, por isso, não obteve a nota máxima. A culpa é do educando não saber que “quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil” (FREIRE, 1970, p. 37). Na educação bancária o educador conduz o educando à memorização mecânica do conteúdo, transformando o educando em “vasilhas” para serem

“enchidos” pelo educador. Quanto mais vai “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (FREIRE, 1970, p. 37).

A educação bancária se refere ao educando receber depósitos, guardá-los e arquivá-los. Então, a nota zero quer dizer que ele não conseguiu atingir nenhuma dessas etapas? A avaliação consiste em avaliar se o educando conseguiu guardar toda informação que foi repassada pelo educador? O interessante do vídeo é o questionamento do educando não por uma nota baixa e sim pelo zero que representa a pior nota do sistema de avaliações. “Como posso não ter aprendido nada?”, esse deve ser o questionamento principal do educando ao ver a nota. No enquadramento dos alunos é possível ver que existe um texto como resposta, mas nada foi considerado? Talvez a resposta esteja fora do que foi perguntado, mas seria uma resposta padrão? Seria escrito da mesma maneira que foi transmitido ou teria um espaço para sair do que foi ensinado? No vídeo isso não fica claro, mas é importante destacar as possibilidades de leitura, principalmente, porque a primeira cena mostra o aluno dormindo na sala de aula e é acordado por sua amiga para receber a nota.

Figura 3 – Frame do vídeo *Zero por quê?*



Fonte: Captado por Gregório Albuquerque. Ensaio Audiovisual, on-line, 2016.

Essa cena apresenta duas interpretações:

- Ele é um aluno que não presta atenção na aula e por isso tirou zero. Típico estereótipo criado em contextos escolares, do “aluno problema”, que não aprende nada e só tira nota baixa.
- Ele ficou estudando até mais tarde para a prova e não dormiu direito.

Em ambas as situações o aluno não foi capaz de decorar o conhecimento depositado pelo educador e o resultado foi a nota baixa.

A concepção “bancária” não leva em consideração a relação do aluno com o mundo, por isso o professor deve ser aquele que “enche” os alunos de conteúdo sem que seja dada a oportunidade de questionarem o que está sendo ensinado/depositado. Assim sendo,

Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há, sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro (FREIRE, 1970, p. 41).

Ao contrário do conceito de bancário, Paulo Freire (1987, p. 44) desenvolve a educação libertadora,

problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível (FREIRE, 1970, p. 44).

O vídeo continua a sua narrativa com questionamentos do próprio aluno pela nota. Com uma perspectiva surrealista, as afirmações do aluno ganham forma e aumentam de velocidade e tamanho à medida que o aluno não consegue achar a resposta.

Figuras 4, 5 e 6 - Frame do vídeo *Zero por quê?*



Cenas dos questionamentos do aluno

Fonte: Captado e elaborado por Gregório Albuquerque. Ensaio Audiovisual, on-line, 2016.

Nesse sentido, a produção de um vídeo estudantil representa e questiona o modelo avaliativo de uma educação bancária, participando de uma educação libertadora e problematizadora ao questionar sua realidade de educando e o processo de avaliação do conhecimento.

Volta que deu errado

Figura 7 – Cartaz do filme *Volta que deu errado*



Fonte: Ensaio Audiovisual, online, 2016.

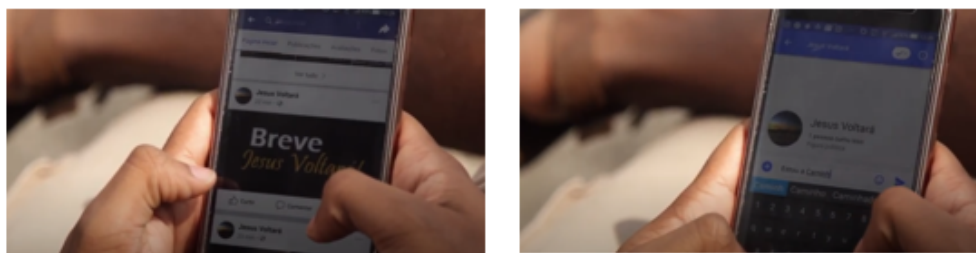
Walter Benjamin reflete sobre a trajetória “evolutiva” da técnica que no final acarreta na destruição com as guerras. O diagnóstico realizado por Benjamin (1994) sobre o progresso científico, industrial e técnico posterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) demonstra a contradição da linearidade do progresso racional da história que corresponde às guerras, à destruição e à pobreza da experiência humana. Para o autor, “uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (BENJAMIN, 1994, p. 115). O vídeo *Volta que deu errado*⁵ utiliza indiretamente essa teoria, a partir principalmente do meme e questiona se a terra está preparada para receber Jesus. É importante salientar que todo questionamento é realizado a partir da visão da religião católica. A escolha de colocar um ator negro no papel de Jesus Cristo opta por uma liberdade e ética que Freire aponta como “o que fazer” diante de um discurso universal, monótono e repetitivo da existência humana, ou seja, um Jesus branco de olhos azuis. O discurso universal seria “que fazer? A realidade é assim mesmo” (FREIRE, p. 1996, p. 75). Porém um Jesus negro caminha para uma posição revolucionária e não respetiva, porque

se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser não haveria sequer por que ter raiva. Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo “pré-dado”, mas um desafio, um problema. A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos (FREIRE, 1996, p. 75).

A raiva descrita por Freire (1996), no caso do vídeo, é contra o padrão da imagem de Jesus Cristo. Contudo, de maneira ampliada, é uma crítica à própria sociedade que tem a imagem como reprodutora e ideológica. Por que Jesus é sempre representado assim? Qual é a narrativa construída historicamente a partir disso? Ela é verdadeira? As respostas caminham para o que o autor fala que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. Isto é, a opção de colocá-lo como negro muda a concepção histórica de um Jesus branco de olhos azuis, causando um debate que se inicia na produção e se amplia na exibição.

A primeira parte do vídeo retrata Jesus, no céu, consultando seu celular e vendo vários pedidos para o seu retorno.

Figuras 8 e 9 – Frames do filme *Volta que deu errado*



Fonte: Captados por Gregório Albuquerque. Ensaio Audiovisual, online, 2016.

O uso do celular por Jesus Cristo para saber o que as pessoas estavam expressando sobre ele já aponta para o que Freire fala sobre a apreensão da realidade no ato de ensinar, porque “ensinar exige apreensão da realidade” (FREIRE, 1996, p. 68). Essa apreensão é realizada pelos alunos a partir do momento em que Jesus consulta as redes sociais para saber o que está supostamente acontecendo. Eles estão adaptando a história a partir de sua própria realidade de uso do celular e redes sociais.

Mesmo a opinião pública das redes sociais ser a de sua volta, o que vemos na realidade não é bem isso. O desenvolvimento da narrativa do vídeo continua com Jesus já na terra e no caminho começa a encontrar as pessoas. Esses encontros são marcados por desconfianças e dúvidas de quem ele verdadeiramente é, já que não tem o mesmo estereótipo da imagem construída de Jesus.

A marcação do encontro com a primeira pessoa é fundamental para a narrativa. Em uma casa com várias frases “100% Jesus”, ou seja, a indicação realizada pelos alunos é feita como forma de demonstrar a devoção daquela pessoa à religião e a Jesus Cristo.

Figura 10 – Frame do filme *Volta que deu errado*



Fonte: Captado por Gregório Albuquerque. Ensaio Audiovisual, online, 2016.

Mesmo com toda devoção à religião, a personagem que atende não acredita que é Jesus Cristo e fala que “de Jesus só tem a sandália”. “Não vou acreditar em qualquer um que fale que é Jesus”, mas e se fosse um branco de olhos azuis com cabelos longos? A resposta poderia apontar para o que Freire problematiza sobre a realidade. “A realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” (FREIRE, 1996, p. 19) colocando Jesus como sempre foi representado? Causaria uma imobilidade que a única saída seria reproduzir e se adaptar a essa realidade “que não pode ser mudada” (FREIRE, 1996, p. 20). Contudo, no vídeo, a realidade é questionada no momento que coloca o personagem negro não como o padrão histórico, mas que realiza milagres como a história original.

Para desconstruir essa imobilidade social, os alunos primeiramente comprovam, através de duas cenas, que ele mesmo seria Jesus. A primeira é quando ele encosta em uma menina de cadeira de rodas e ela volta a andar, e quando passa por uma pessoa bebendo água e transforma o líquido em vinho. Todas referências à história de Jesus Cristo usadas de uma outra maneira e como forma de comprovação de quem ele é.

Figuras 11 e 12 – Frames do filme *Volta que deu errado*



Fonte: Captados por Gregório Albuquerque. Ensaio Audiovisual, online, 2016.

O momento de maior tensão do vídeo acontece quando Jesus é abordado por um policial que solicita seus documentos, porém ele não os entrega e é colocado na parede para ser revistado.

Figura 13 – Frame do filme *Volta que deu errado*



Fonte: Captado por Gregório Albuquerque. Ensaio Audiovisual, on-line, 2016.

O interessante nessa cena foi o enquadramento realizado pelos alunos. Eles aproveitaram uma parte da escola que possui uma placa escrito “alta tensão” para enquadrar os dois personagens. Essa escolha não foi aleatória e potencializou a cena na abordagem policial que também não foi aleatória. Refletiu o cotidiano social de um racismo estrutural no qual um indivíduo negro andando sem documento é automaticamente enquadrado como perigoso.

No último momento do vídeo, Jesus, após ter sido rejeitado e levado uma dura do policial, decide não voltar mais para a terra e comenta mostrando o vídeo do celular para Moises, também negro e fora dos padrões da imagem construída historicamente dele. Para Freire (1996) “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” porque

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo (FREIRE, 1996, p. 35).

Colocar personagens negros em papéis que historicamente são exercidos por pessoas brancas de olhos azuis é rejeitar qualquer discriminação preconceituosa de raça, classe e gênero. A escolha por parte dos próprios alunos daquela amiga que é a mais bonita, dentro dos padrões, para ser a atriz principal é uma discriminação e uma prática preconceituosa que reproduz ideologias de exclusão e eliminação. Como relata Freire,

Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direi-

tos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 1996, p. 36).

Colocar, a partir da própria escolha dos alunos, um aluno negro em um papel que historicamente é feito por pessoas brancas de olhos azuis é permitir, por parte do professor, o diálogo. Através desse diálogo é que o vídeo possibilita a mudança na realidade. O diálogo entre professores e alunos se faz necessário também na produção audiovisual.

O diálogo é realizado, principalmente, em dois momentos: na produção, com a escolha do tema, e na exibição com a realização do debate do vídeo. Freire relata que a relação entre alunos e professores que não fizeram as mesmas opções políticas, éticas, estéticas e pedagógicas não deve ser no sentido de conquistá-los tampouco conquistar o mestre, pois “é no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas” (FREIRE, 1996, p. 135).

Na educação audiovisual, a exibição e debate de um filme consiste em uma etapa para o educando, e o educador precisa respeitar a bagagem cultural que o aluno carrega. Para Freire (1996, p. 30) “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o dever de “não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária”.

Um exemplo desse respeito aconteceu em um debate de uma exibição de um filme no cineclube da disciplina, o aluno relata “você (professores) sempre vão falar mal dos filmes que assisto de Hollywood”. A resposta foi “não vamos falar mal dos filmes de Hollywood pois têm filmes muito bons. A questão é se sua bagagem cultural for só Hollywood, em outro tipo de linguagem para poder comprar os formatos e temáticas dos filmes. A exibição de filmes que causam esse incômodo é para ampliar a possibilidade de realizar a crítica e para isso é preciso ver diversos formatos. Se somente ver um, essa crítica não acontece”. O aluno pensativo relata que entendeu e, a partir disso, passou a ver outros tipos de filmes.

Esse diálogo acontece no momento da exibição e também na produção. “Vamos fazer um vídeo sobre a temática de...”. E assim começa um debate entre alunos e professores

para decidir o que vão produzir respondendo o porquê e para quê? O professor que ensina audiovisual precisa deixar claro que nesses momentos de diálogos

quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma -se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *forrar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivorelativo. Verbo que pede um objeto *direto* (FREIRE, 1996, p. 13).

Esse diálogo é interessante porque são colocados pontos de vista e lugares de fala sobre cada possibilidade de tema. A observação do tema sobre vários pontos de vista acarreta o diálogo. Para Freire

quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele. (FREIRE, 1996, p. 9).

No vídeo *Volta que deu errado* é colocado o ponto de vista do aluno negro em atuar um personagem historicamente branco. Qual visão ele tem sobre a história contada dessa maneira? Como foi atuar?

Fazer esse filme foi especial para mim, na verdade todos são, mas esse eu pude trabalhar a importância da cor da minha pele. Interpretar uma imagem de tamanha grandeza como é Jesus não é fácil e quebrar esse dogma construído pela religião é mais difícil ainda. Graças a Deus e a “Jesus” temos a arte como meios para quebrar esses dogmas (Fala do aluno Rodrigo Gomes).

Esse diálogo precisa ser realizado com ética, mas não uma ética universal, que segundo Freire (1996, p. 9) condena e acusa por ouvir dizer ou afirmar quem falou. Seria uma ética “que sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe.” O professor precisa escutar os pontos de vistas e lugares de fala dos alunos e eticamente colocá-los em diálogo.

Esse cenário inicial de produção possibilita a apreensão da realidade do educando quando todos relatam suas experiências com o tema. Até aquele aluno que nunca

passou por nenhuma experiência pode se expressar com ideias de parentes, amigos que tenham passado por isso ou o que assistiu em filmes. O importante é a participação de todos para a produção do vídeo.

No vídeo *Volta que deu errado*, a pergunta inicial “e se Jesus fosse negro?” feita por uma aluna expressa um questionamento da realidade a partir de uma experiência vivida ou vista por ela. “Ele tomaria uma dura do policial por ser negro... hoje em dia é sempre assim” - a fala da aluna expressa uma análise social da realidade brasileira. O interessante é que a expressão da aluna vai ao encontro da reflexão de Freire (1996), pois o autor menciona que ninguém está no mundo de forma neutra e acomodada.

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a *inserção*, que implica *decisão*, *escolha*, *intervenção* na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar por estudar*. De *estudar* descomprometidamente como se misteriosamente de repente nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele. Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença (FREIRE, 1996, p.11).

Ao expressar essa dúvida no momento de uma produção audiovisual, a aluna demonstra sua relação de incômodo com o mundo lá fora e o vídeo seria a sua forma de intervenção no mundo conforme proposto por Freire

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante. Neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades. Erros que implicam diretamente visões defeituosas da História e da consciência (FREIRE, 1996, p. 98).

A partir da escolha do vídeo através do diálogo entre pontos de vistas e lugares de fala é necessário realizar uma pesquisa, pois “ensinar exige pesquisa”, segundo Freire (1996, p?). Para o autor não existe ensino sem pesquisa e nesse caso a pesquisa é direcionada a partir do diálogo feito com o tema escolhido. E o conhecimento da técnica de

produção? A edição “quem vai fazer?” Algum aluno sempre sabe e irá falar que sabe, mas, e o educador como se apropria desse novo conhecimento? Ele precisa se questionar sobre como fazer, pois, ao ensinar busca a indagação “porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo” (FREIRE, 1996, p. 29).

Para Rocha (2004), a didática será científica e significa alfabetizar, informar, educar, conscientizar as massas ignorantes, as classes médias alienadas. A épica provoca o estímulo revolucionário, sendo prática poética que terá que ser revolucionária do ponto de vista estético para que projete revolucionariamente seu objetivo ético.

Demonstrará a realidade subdesenvolvida, dominada pelo Complexo de impotência intelectual, pela admiração inconsciente de cultura colonial, a sua própria possibilidade de superar, pela prática revolucionária, a esterilidade criativa. A épica, precedendo e se processando revolucionariamente, estabelece a revolução como cultura natural. Arte passa a ser, pois, revolução. Neste instante, a cultura passa a ser norma, no instante em que a revolução é uma nova prática no mundo intelectualizado (ROCHA, 2004, p. 99).

Os dois autores pensam uma forma de educar e ser revolucionário a partir de duas concepções que se entrelaçam com o objetivo crítico e revolucionário. Suas teorias surgem do cinema e do audiovisual em uma apropriação e adaptação da teoria à realidade da produção de vídeos estudantis.

O vídeo *Volta que deu errado* proporcionou o debate, na produção e exibição, da realidade do negro na sociedade, porém como seria a mobilidade social e questionamento da realidade que Freire aborda se ela foi feita e representada em uma produção de vídeo estudantil? É possível? Todas as possíveis respostas perpassam pelo caminho do contexto social e cultural que está inserido o vídeo na sua produção ou exibição. A opção da temática do negro desconstruindo um padrão histórico não é descolada de movimentos negros contra racismo e políticas públicas.

O vídeo foi produzido em 2019, um ano antes de acontecimentos discriminatórios no mundo todo, como a morte de um negro por policiais brancos americanos e a criação do movimento “Black Lives Matter”, fatos como o espancamento e assassinato de um homem negro por seguranças do supermercado Carrefour de Porto Alegre/RS e outros fatos que não aparecem nas mídias. Isto significa um contexto de insurgência do movimento dos negros (deixando claro que o movimento é histórico e não surge

somente agora), retratado no vídeo dos alunos, ganhando maior significado a partir do contexto do movimento e da luta.

Exibir o vídeo *Volta que deu errado* é estabelecer um vínculo direto com a realidade social do aluno e todos os espectadores, desconstruindo a imobilidade social e permitindo ao educando uma educação política e de prática de liberdade.

Diante da análise da produção de dois vídeos estudantis, segundo a concepção de Paulo Freire, é possível conceituar a produção de vídeos estudantis como uma educação libertadora e passível de diálogo entre educandos e educadores, e educandos e sociedade. O fazer arte com o educando, através da produção de vídeo, torna o educador um político e um artista melhor. A partir do momento que o educador contribui na formação dos educandos, ele está se educando juntamente, e contribuindo para uma sociedade melhor, mais humana e menos desigual.

Capítulo V:
Na prática 2 - A produção de
vídeo estudantil dialogando
com Freire

Em diversos momentos da trajetória escolar, o professor analisa qual a melhor abordagem escolher para trabalhar com seus alunos, qual caminho seguir? Quando nos damos conta, o caminho do coração nos guia e experimentamos ações que ainda não estão no currículo formal. A produção de vídeo estudantil tem a mesma ação, por mais que organizemos tudo na hora de gravar, é o coração que nos une, nos move. Gravamos o que sentimos. Gravamos o que o nosso coração pede. E na escrita deste texto, por mais que esperem de nós um texto acadêmico, com ênfase nos fatos e na sua explicação, somos traídos pelo coração que nos nega a lógica racional e nos guia como aprendizes que desejam apenas saber como funciona. Queremos uma escola que ensine não apenas a decodificar a letra do alfabeto, mas que perceba que é vítima ou algoz de uma sociedade injusta que se defende atacando os menos favorecidos. Queremos que você, leitor, sonhe com uma escola que faça sentido para o futuro de nossos filhos. Freire é a chave que conecta o professor à atualidade. Sua teoria é de vanguarda e visionária.

Queremos, neste devaneio coletivo docente, apresentar dados que possam unir no tempo e no espaço, como Freire teria pensado e vivenciado a produção de vídeo estudantil. Seria mágico se ele, nosso Freire, que tanto queria ensinar a ler o mundo, olhasse o vídeo como esse espaço que mostra o mundo para o educando que o vive, antes dos significados da palavra. Somos apenas aprendizes em um baile descontínuo mais unido no mundo, pois um sonho não se explica de forma lógica e racional, mas se sente no coração.

Assim, pedimos que tire da sua leitura toda rigidez que a academia tem e que, de certa forma, te trouxe até aqui. Respire fundo, deixe a sua mente viajar com as palavras que o mundo tem, se encante relembrando o que já sabe, e quem sabe, descobrindo, redescobrando o que pode aprender. Um novo ponto de vista, um exercício de criatividade e de boa vontade também, considerando a prática como uma ação docente. Realizando uma autoavaliação sobre sua didática e quem sabe, encontrar caminhos mais ousados e passar a fazer diferente. Então este é o momento, por isso pedimos que permita ter

o dom da dúvida. Que nos permita apresentar a produção de vídeo estudantil como uma proposta pedagógica que dialoga com várias concepções de Freire.

Freire e a produção de vídeo estudantil

Falar de Paulo Freire e o cinema estudantil é algo simples e ao mesmo tempo complexo, pois ele acreditava no ser humano como agente de mudança do mundo e a escola seria o espaço privilegiado para criar no aluno a consciência crítica e reflexiva. A produção de vídeo estudantil tem esse objetivo, fazer o aluno pensar e refletir com e sobre a sua realidade. Penso agora sobre o conceito de Amorosidade, para então, juntos, vivenciarmos o Dodiscenciar. Pronto? Então abra os olhos de sua alma e deixe-me te guiar nesta jornada...

Se você, professor, deseja fazer vídeo com os seus alunos, a teoria de Freire será a base que vai nortear o que pode ser feito para suprimir a ideia que produzir vídeo com os alunos é para utilizar a desculpa: *fazer videozinho para não dar aula*. Devemos ter em mente que a culpa de não compreender a produção de vídeo estudantil como uma ferramenta pedagógica não é da maioria dos professores, pois, provavelmente, ainda há um número expressivo de docentes que não percebeu a importância dessa ação, tampouco aprendeu sobre ela. Pelo contrário, o que muitos professores vivenciaram durante anos foi, na ausência de um professor no horário de aula, que a direção da escola colocava os alunos para assistirem filme (a televisão e o DVD ou o pen drive), além de informar à turma que se fizessem barulho ficariam sem recreio (de castigo), também convidavam um aluno para anotar o nome dos colegas que descumprissem as regras ao assistirem o filme. Assim os alunos teriam que ver pela décima vez o mesmo filme e em silêncio! Sim, aquele único DVD que a escola tinha era exibido para todas as turmas da escola.

Essa transposição conceitual entre a área de Educação e o Cinema que fazemos dos conceitos de Freire irá contribuir com os professores, para que compreendam a necessidade de teorizar a prática e a de praticabilidade da teoria, já que produzir vídeo com os alunos é um elemento teórico, técnico, poético e prático. Produzir vídeo é ler o mundo, usar sua subjetividade para compreender que esse aluno é um ser social e histórico, sendo que o vídeo ajuda a apresentar o seu universo simbólico. A relação de Cinema e Educação, em uma prática de realização audiovisual, apresenta um diálogo

natural e pode ser mediada pelos conceitos de Freire, e essa é a ação que queremos apresentar para que você veja que os conceitos de Paulo Freire e a produção de vídeo estudantil mantêm diálogo natural.

Não queremos aqui ser dicotomista, pois o fazer vídeo, além de ser uma ação horizontal entre os pares, é dialógica e usa diversos conceitos de Freire, entre eles o dodiscenciar, que é ensinar e aprender, já que na produção de vídeo estudantil professores e alunos, de forma simples e horizontal, debatem e aprendem juntos questões técnicas e de comunicação.

- O que eu estou comunicando?
- Para quem estou comunicando?

Esse processo de pensar e construir o vídeo, bem como todo o processo de realização de um vídeo, é o que Pereira e Jankhe (2012) defendem como a ação mais importante do processo pedagógico do uso do vídeo na educação. Segundo os autores, é no pensar como fazer que a produção de vídeo leva o aluno a pensar e criar mapas mentais para sua realização, por isso a necessidade de se ter e vivenciar a dodiscenciar

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se ensina e se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “dodiscência” --- docência-discência -- e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico (FREIRE, 2002, p. 30).

A produção de vídeo nasce com os alunos, levando essa tecnologia para a escola e ao mesmo tempo a amorosidade do professor de não negar, mas querer conhecer essa tecnologia e agir sobre ela, com a sua visão pedagógica, ou seja, aprender e ensinar, como menciona Freire (1996) “docência-discência”. É essa retroalimentação de aprender ao ensinar. Produzir vídeo é uma realidade fora do âmbito educacional e das academias, principalmente da graduação. Assim, quando o docente se permite conhecer e aprender o que é produzir vídeo com seus alunos percebe que é uma ação importante como didática desde que tenha uma intencionalidade pedagógica, essa é uma função primordial para a produção de vídeo ser uma ação pedagógica. Quando o aluno produz vídeo é o momento em que a escola se abre para o seu universo simbólico

e ao mesmo tempo o momento em que a escola para e escuta o que esse aluno quer falar e o que deseja apresentar do seu universo simbólico.

Freire (1996) aponta justamente a questão do “conhecimento novo que supera o outro”, e produzir vídeo recai nessa ação de refazer, reaprender, por isso a discência é fundamental na produção de vídeo estudantil. Ao produzir vídeo com seus alunos, o docente permite que eles vivenciem o significado coletivo de forma prática que o aluno tem no fazer vídeo: experimentar e aprender com essa ação subjetiva

toda a experiência cognitiva inclui aquele que conhece de modo pessoal, enraizado em sua estrutura biológica, motivo pelo qual toda a experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro, numa solidão que só é transcendida no mundo que criamos junto com ele. (MATURANA e VARELA, 2001, p. 22).

O vídeo contribui para que a troca seja de vivência ou de ações técnicas. Refazer, repensar, reconstruir seu pensamento é algo normal na produção audiovisual. Assim, é essa troca entre os pares que possibilita, que contribui para a criar essa subjetividade que é intrínseca ao ser, ou seja, faz parte do sujeito. Desse modo, os professores e alunos estão juntos debatendo, refletindo e aprendendo.

Alguns professores têm medo de perder a autonomia na produção de vídeo estudantil, como ouvi uma professora em uma oficina comentar que tinha medo de perder o controle da turma.

Para mim, o importante é que o professor democrático nunca, realmente nunca, transforme a autoridade em autoritarismo. Ele nunca poderá deixar de ser uma autoridade, ou de ter autoridade. Sem autoridade é muito difícil modelar a liberdade dos estudantes. A liberdade precisa de autoridade para se tornar livre. (Rindo) É um paradoxo, mas é verdade. A questão para mim, no entanto, é que seu fundamento está na liberdade dos outros; e se a autoridade nega essa liberdade e corta essa relação que a embasa, então creio que já não é mais autoridade e se torna autoritarismo (FREIRE; SHOR, 1986, p. 61).

A autoridade no fazer vídeo com os alunos é a autoridade do respeito que o aluno tem e a autoridade da troca entre os sujeitos que aprendem juntos. O professor, quando inicia o processo de fazer vídeo, organiza diversos passos entre eles fazer o roteiro do vídeo, e é neste momento, principalmente no roteiro, que tem a função de apontar para os alunos o que ele deseja comunicar e o que ele está comunicando. Aqui informando que o roteiro é o momento que o aluno escolhe a história e como vai apresentá-la para o público.

Como informa a semiótica Greimasiana que se preocupa em explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer, assim a comunicação precisa do outro para decodificar o que eu estou comunicando. Pois, muitas vezes os alunos em função de sua realidade fazem roteiro com preconceito ou para manter o mesmo, não porque desejam, mas por que a sua realidade tem esse preconceito, então o docente deve sinalizar outras possibilidades, assim o aluno aprende a ter uma nova visão do mundo, aprende a ler o mundo de forma diferente. Quando o aluno cria o roteiro, apresenta um pouco de sua subjetividade.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialogicamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências (FREIRE, 2010, p. 70).

E o fazer vídeo corrobora com essa ação de intervir como sujeito, pois o aluno pode produzir um vídeo que denuncie uma prática com ele ou com seus amigos como os vídeos sobre *bullying*. Neste momento, é o aluno intervindo como sujeito da sociedade. Aqui um vídeo produzido em 2016, em uma comunidade rural da cidade do interior do Rio Grande do Sul chamado *Opção Sexual*. Nesse curta-metragem as autoras (duas alunas) apresentam o preconceito do pai quando descobre que sua filha gosta de outra menina. Esse curta, por um lado, é a denúncia destas meninas sobre uma realidade vivida por elas ou por uma amiga.

Figura 14 – Frame do filme *Opção sexual*



Fonte: Captado por Josias Pereira, 2016.

Perceba que nesse exemplo do curta citado o professor precisa dialogar com as alunas para saber se elas queriam mesmo denunciar essa ação, pois é algo delicado de se comentar na sociedade, ainda mais em uma cidade pequena e na zona rural, onde essas ações não são bem vistas em função da forte ligação com as religiões. “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2015, p. 96).

No curta as alunas levaram para a escola uma realidade vivida e sentiram necessidade de denunciar, ou simplesmente debater. Produzir o vídeo foi o espaço que elas encontraram para apresentarem sua subjetividade, a realidade vivida por elas, talvez. Assim, depois de debater com o grupo, analisar as implicações sociais sobre o ato, puderam de forma poética realizar o vídeo e essa ação foi possibilitada pela escola.

Quando pensamos na *Pedagogia do Oprimido* o objetivo é a libertação do corpo e das ideias na relação de uma nova forma de debater e aprender entre os sujeitos sociais. Dessa forma, o aluno e o professor se conectam, debatendo e refletindo sobre a sociedade de forma geral.

A produção de vídeo estudantil permite que nós, enquanto educadores, possamos ampliar nossos olhares num movimento reflexivo de ação-reflexão-ação, como o legado deixado por Freire. Pois sabemos que

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas (FREIRE, 2015, p. 44-45).

Freire salienta a importância das experiências informais das ruas, dos signos que os alunos vivenciam no seu dia a dia, pois o vídeo está contribuindo na criação de um imaginário social, seja no assistir vídeo, seja na sua produção. A produção de vídeo estudantil nasceu assim, longe da academia, mas perto dos professores que ousaram experimentar essa prática. Como defende Freire, a práxis pode ser vista como um conjunto de práticas que tem por objetivo conhecer e debater a realidade imposta, e o que mais a produção de vídeo faz é levar a realidade do aluno para dentro do espaço escolar. Freire utilizava imagens para que as pessoas pensassem nas palavras, criando, assim, o tema gerador. Já na produção de vídeos é o contrário, o aluno cria o tema gerador interno que devemos aprender a ler ou a reler. Freire, generosamente, tinha

essa habilidade de compreender o outro e a produção de vídeo estudantil provoca o aluno a pensar quem é esse público, quem é o outro que vai assistir a essa produção.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? (FREIRE, 2013, p. 31).

É importante a escola ouvir o educando. Ouvir e aprender juntos pode ser um dos caminhos para a valorização e aceitação do vídeo dentro da escola.

Produção de vídeo: passo a passo e os conceitos de Freire

Para apresentar os conceitos de Freire na produção de vídeo estudantil iremos mostrar como se realiza um vídeo estudantil e o encontro dessa prática com a teoria freireana. Sendo assim, iremos apresentar em três partes essa produção. São elas:

- Pré-produção
- Produção
- Pós-produção

Iremos agora apresentar como cada uma dessas ações se realiza e a sua relação com os conceitos freirianos. Estamos falando do cinema, pois o vídeo estudantil utiliza, como base, várias ações cinematográficas de forma direta. Assim, consideramos que as concepções de Freire estão diretamente conectadas na realização audiovisual de forma teórica e prática.

Primeiramente, iremos analisar a questão na pré-produção.

- O que seria teoricamente a pré-produção?

É a etapa que dá início ao filme. O que se realiza antes de produzir o filme, ou seja, a organização da estrutura e isso também se dá em outras ordens, não de um passo a passo, mas de forma simultânea, pois o cinema é algo sistêmico e não está em gavetas, por isso irei citar e não numerar já que a ordem não é o mais importante, mas a sua realização final.

Apenas o tema e o roteiro devem iniciar primeiro, pois a base de tudo será o roteiro. Muitos escolhem o tema e depois escrevem o roteiro, já outras pessoas preferem sair

escrevendo o roteiro (roteiro é dividido em escolha do tema e depois a escrita do roteiro) e depois ver qual o tema que ficou em foco. Qual o certo? Será aquele que professores e alunos definirem.

- 1º - Tema;
- 2º - Criação do Roteiro;
- 3º - Escolha dos atores;
- 4º - Escolha da equipe;
- 5º - Escolha dos espaços para ser gravado.

Com esses passos em mente, a primeira ação é a criação do roteiro, pois é a base para se organizar todo trabalho no cinema. Iremos agora entender o que é o roteiro e suas divisões, sendo que o primeiro passo é pensar no tema.

Cineclube estudantil

O professor e os alunos criam o roteiro com base no que veem, e os alunos têm como base os meios de comunicação, geralmente a TV aberta e a internet. Sendo assim, é importante antes de iniciar a ação de produzir vídeo, mostrar a eles outros curtas feitos por estudantes. O primeiro passo é realizar o roteiro, como auxílio, o aluno pode assistir o vídeo de outros estudantes. Essas ações ocorrem simultaneamente, e são consideradas muito importantes para o desenvolvimento das produções.

Exibir curtas de estudantes é importante, pois o aluno evidencia muito o audiovisual da TV aberta, da TV a cabo ou sites de exibição de filmes, que de forma geral, exibe obras comerciais. Essas obras comerciais, geralmente, estão muito distantes da realidade do aluno e o que ele vê é quase impossível de se realizar sem os equipamentos devidos. Sendo assim, é importante exibir vídeos realizados por estudantes, para que os alunos possam assistir ações que eles terão capacidade técnica e artística de produzir. Ao assistirem os vídeos de outras escolas os alunos já pensam que podem fazer bem melhor do que o vídeo que está sendo assistido. E o curta exibido pode contribuir e incentivar esses alunos a produzirem vídeo também. Por isso, incentivamos essa ação de exibir vídeo de estudantes para os alunos.

Recomendamos o nosso canal cineclube estudantil onde temos cadastrados quase 200 curtas de professores e de alunos de escolas públicas e particulares. Depois de

enviar para os alunos alguns curtas, eles terão consciência de que a sua realização é simples, é o seu ponto de vista sobre o mundo.

Criando os grupos

O primeiro passo é organizar a turma em pequenos grupos, pois como nos ensinou Freire o diálogo é importante e em grandes grupos fica mais complexo as reflexões e entendimentos coletivos. Assim, em pequenos grupos de cinco alunos, por exemplo, fica mais fácil essa ação de diálogo entre eles, o que é muito importante para a criação do roteiro. Os alunos vão pensar no tema com que desejam trabalhar e cada grupo pode sugerir temas diversos. É importante que a escolha do tema seja dos alunos, pois, com isso, evita-se que o estudante seja induzido a escolher o tema com que o professor deseja trabalhar. A produção de vídeo trabalha com o sistêmico, ou seja, não é uma disciplina, ela é de todos: da escola, da sociedade, da realidade que o aluno vivencia ou negligência. É uma proposta interdisciplinar.

O roteiro

O segundo passo seria fazer o roteiro, já que o primeiro foi dividir a turma em pequenos grupos, alguns professores acham que este momento é o mais difícil e alguns falam que seria a pior parte, pois os alunos demoram a escrever, não têm ideias e desistem. Geralmente, isso pode ocorrer, pois há muitos fatores envolvidos nesse processo.

O roteiro é a parte mais próxima da escola regular e que pode gerar ações da educação bancária, por isso é preciso ter cuidado.

A maior parte dos que trabalham em sala de aula sabe que a docência exige muito de nós. É também uma atividade muito prática, embora tudo que ocorre em classe seja a ponta de um iceberg teórico. Mas os professores se interessam mais pela prática do que pela teoria (FREIRE e SHOR, 1986, p. 10).

É com a prática que o professor vai aprender a produzir vídeo com seus alunos. Mas existem algumas ações que são importantes conhecer e readaptá-las para a sala de aula. O professor deve conhecer o todo, o iceberg, mas na hora de desenvolver essa ação usará sua didática e poderá apresentar apenas uma parte do iceberg teórico, ou readaptá-lo para a realidade daquele grupo social.

É importante organizar a turma para a escrita do roteiro. Sabemos que a escrita de uma história leva tempo, existe uma questão muito complexa entre o pensar e o escrever, por isso que recomendamos que não peça um roteiro escrito no primeiro momento. O importante é a prática do aluno, pois o roteiro não nasce do cognitivo do aluno, mas de sua experiência e da sua imaginação.

Como prática estritamente humana, jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista (FREIRE, 1996, p. 146).

É importante instigar os alunos a experimentarem uma ação diferente: criar um roteiro sem escrever. Por isso, vamos inverter e em vez de escrever o roteiro o aluno vai simplesmente pensar no roteiro e debater com um grupo como seria a história. Determine um tempo de 20 minutos, por exemplo, para os alunos conseguirem pensar o roteiro. Sei, professor, que neste momento você deve estar pensando que essa coisa de não escrever, não colocar no papel, foge do que aprendeu, mas peço-lhe que confie na nossa prática de mais de 20 anos realizando oficinas com professores e alunos da educação básica. Em oficinas de vídeo, percebemos que o roteiro é um entrave na relação Cinema e Educação. Criamos essa ação chamada de Roteiro do *Pitching* que será apresentada com base no que Freire nos ensinou. Nós, professores, devemos inovar e produzir saberes pois sabemos que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2002, p. 25).

O roteiro do *pitching* do criar o roteiro sem escrever

Depois de separar os alunos em pequenos grupos para conversar sobre o roteiro, o professor irá fazer o chamado *Pitching* que é uma técnica de venda do roteiro, mas

o Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) adaptou essa técnica para que, na produção de vídeo estudantil, fosse utilizado o roteiro na parte da criação. Essa adaptação foi realizada justamente para sanar um problema que os docentes estavam vivenciando na prática do fazer roteiro, pois obrigavam os alunos a escrever o roteiro usando a técnica do cinema e não adaptavam para as questões educacionais. Na verdade, antes de escrever o roteiro o aluno faz o *pitching* e assim, provavelmente, conseguimos distanciar o roteiro da educação tradicional ou compartimentada.

O *Roteiro do Pitching* é importante, pois o pensamento flui com muito mais rapidez do que a nossa escrita. Por exemplo: em um grupo o aluno 1 sugere a ideia de um assassinato e o aluno 2 foi o responsável por escrever. Quando ele escuta a palavra assassinato pode parar de escrever e perguntar como se escreve e esse debate criado no grupo pode atrapalhar as energias e o pensamento que estavam criando a história o *insight* (clareza da mente sobre o intelecto do indivíduo). Por isso, é importante criar no momento apenas um debate entre os alunos, pois a velocidade do pensamento é muito maior do que a velocidade de escrita e, depois do debate, os alunos já têm o roteiro com início, meio e fim e podem agora aproveitar para debater sobre a história. Assim, estamos fugindo da tradição escolar em que o docente passa para o aluno o conhecimento e muitas vezes, precocemente, minimiza a curiosidade e a emoção do aprender, e neste debate, entre os alunos, perceberão na prática o espírito investigador e a criatividade dos mesmos. Antes dos alunos apresentarem e falarem do roteiro, o docente deve gravar a apresentação da criação oral da história. Assim, o aluno tem o roteiro oral no celular e pode escrever com calma com todo o percurso que a escrita convencional requer. Em resumo, conforme Freire “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2010, p. 26).

Por isso, para o professor é essencial não escrever o roteiro no início do processo. É de suma importância que o docente deixe o aluno usar a sua imaginação e criatividade.

Se pode perceber a teoria e o ensinamento de Freire em todo processo da produção de vídeo estudantil, desde os diálogos entre alunos e professores até a finalização de cada vídeo, a teoria colaborando com a prática e a prática colaborando com a teoria.

Nossos alunos vivenciam uma nova era em que o aprendizado está a um toque ou um diálogo no celular ou nas redes sociais. Assim, é necessário que o docente entenda que produzir vídeo requer um olhar mais aguçado para o protagonismo do aluno.

Compreendemos que, infelizmente, o tempo nos cobra o que realizamos e o que vamos realizar dentro do processo educacional, mas seria importante no processo de produção de vídeo que o tempo fosse visto não pelo viés da academia, mas pelo viés do aprendizado, pois o aluno precisa do seu tempo e, portanto, esse precisa ser respeitado.

O próximo passo é pedir para os alunos pensarem em uma história de 20 minutos e, o mais importante, combinar com eles para, nesse primeiro momento, não apenas pensar e debater essa história. Então, os alunos, ali juntos, irão ter que criar a história com base em seu repertório sociocultural, de anos assistindo TV aberta, diversos meios de comunicação e sites de exibição de vídeo. Para Freire (1970, p. 44), “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

E o que a produção de vídeo proporciona é justamente essa ação dos alunos e professores em trocas simbólicas para se educarem e reorganizarem o seu pensamento e suas ações no contexto da aprendizagem, tendo a produção de vídeo como uma ação que instiga o aprendizado. Assim, os alunos conversam entre eles e analisam qual história irão contar (com início, meio e fim). Esse debate e troca entre este grupo pequeno de cinco alunos, é importante para diminuir a timidez de muitos estudantes e um ouvir o outro. Freire (2000) informa que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda, precisamos para isso formar alunos, futuros cidadãos que vão pensar o mundo e não apenas a escola enquanto espaço de transmissão de saber. E não podemos esquecer que o diálogo cria a base para a colaboração entre os sujeitos como informa nosso mestre.

Produzir vídeo não é um processo que ocorre sozinho, precisamos de pessoas que contribuam com alguma parte do processo de produção. Freire nos ensinou da troca existente entre os grupos, então quando o aluno faz o *Pitching* está dividindo o seu universo simbólico com a turma (colegas de classe) e com o professor. Assim, o aluno com a ideia do que deseja contar no roteiro, vai explicar para os seus pares e essa explicação, esse diálogo com o coletivo (sua turma) vai contribuir com ambos (alunos e professor) a pensarem no roteiro. Muitas vezes os alunos criticam o roteiro que o grupo deseja fazer e debate outras ideias para melhorá-lo. Por isso, é fundamental o professor gravar o *pitching* com o seu celular, apenas o áudio (com grupos separados e depois distribuir os áudios aos grupos).

O aluno depois de transcrever terá a chamada escaleta. Esse exercício é importante, pois o aluno, ao debater, pensa e repensa a sua realidade.

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (FREIRE, 2000, p. 46).

Com o áudio que o docente enviou e um dicionário, se precisar, os alunos vão transcrever o que foi falado pela turma e debater as mudanças que foram apresentadas.

A escaleta

No roteiro, a escaleta é a divisão por cenas sem a presença de fala dos personagens, apenas as ações que irão realizar. A escaleta apresenta o roteiro com início, meio e fim, em mais de 20 anos de oficinas nas escolas percebi que a ação de criação do roteiro é a que mais apresenta problema. Qual o motivo? Cobrar dos alunos uma ação que é da área do cinema comercial e profissional. O que devemos fazer é a adaptação para a realidade da área educacional. Defendemos que a escaleta é um dos espaços onde os alunos estruturam o roteiro sem colocar o diálogo e mais do que isso é o espaço onde o aluno repensa a sua realidade e apresenta a sua prática

[...] não é possível a qualquer indivíduo inserir-se num processo de transformação social sem entregar-se inteiramente a conhecer, como resultado do próprio processo de transformar; mas, também, ninguém pode se inserir no processo de transformar sem ter no mínimo, uma base inicial de conhecimento para começar. É um movimento dialético porque, de um lado, o indivíduo conhece porque pratica e, para praticar ele precisa conhecer um pouco (FREIRE, 1987, p. 265).

Esse debate é rico, pois os alunos passam a transformar suas ideias em um roteiro que será um produto, e esse é um dos processos em que o vídeo contribui na relação ensino/aprendizagem. E esse debate, geralmente, faz parte da pesquisa, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2010, p. 29).

Produzir vídeo é uma forma de potencializar a pesquisa entre os estudantes assistindo outros vídeos, lendo textos, jornais, artigos e documentários, pesquisando e perguntando para familiares o que significa essa violência que é o *bullying*.

Como o grupo pode contribuir?

Sabemos da importância para Freire do aluno ter uma visão além do seu universo simbólico. Quando o aluno vai para frente da turma e fala a ideia do seu roteiro é percebido um confronto entre o que deseja passar e como o espectador, da mesma faixa etária dele, recebe essa informação e o que acha da mesma, gerando várias ações e emoções no público. Assim, é importante os alunos que estão ouvindo debaterem com os alunos do grupo que está apresentando as ações que estão fora da realidade deles ou reproduzindo um preconceito. Isso ocorre pois, de acordo com Freire (1991), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, isso porque o sujeito vive no mundo e o reproduz. Mas temos várias ações contra esse preconceito, por isso é importante o debate entre os alunos sobre a história que irá ser contada. Além disso, os alunos que estão assistindo, podem contra-argumentar e mostrar para o grupo que não precisa todo assaltante ser negro; então se modifica o roteiro para caber dentro das mudanças sociais que esse grupo reivindica. Perceba que a troca entre esses alunos já faz parte de um processo educacional que pode ser colocado dentro da intencionalidade pedagógica do professor.

Lembrando que, geralmente, esses preconceitos são os mesmos que os alunos vivenciam e até naturalizam, mas não é porque o aluno tem preconceito, mas porque a sociedade impõe e o aluno só está reproduzindo uma realidade vivida durante a sua vida. Cabe a ação docente dentro do currículo oculto, ou seja, o professor pode ajudar e orientar os alunos para que esses preconceitos não continuem sendo propagados na sociedade.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade de ética e resvalar para a sua negação, por isso, é imprescindível deixar claro que a possibilidade dos desvios éticos não pode receber outra designação senão a de transgressão. O professor que desperta a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ‘ele se ponha em seu lugar’ ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta do dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2003, p. 59).

Assim, nesse debate cada aluno pode exercer a sua autonomia primeiro em um grupo pequeno e depois no grupo expandido (a turma toda). O debate do grupo é importante para os alunos poderem entre si perceberem que são sujeitos de uma sociedade que muitas vezes é excludente e que eles não estão sozinhos nesta luta por um país melhor para todos, pois

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. Nunca me esqueço, na história já longa de minha memória, de um desses gestos de professor que tive na adolescência remota. Gesto cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebida por ele, o professor, e que teve importante influência sobre mim. Estava sendo, ermo, um adolescente inseguro, vendo-me como um corpo anguloso e feio, percebendo-me menos capaz do que os outros, fortemente incerto de minhas possibilidades. Era muito mais mal-humorado que apaziguado com a vida. Facilmente me eriçava. Qualquer consideração feita por um colega rico da classe já me parecia o chamamento à atenção de minhas fragilidades, de minha insegurança [...] (FREIRE, 2002, p. 92).

Essa reflexão de Freire mostra e desperta em cada um de nós uma memória afetiva que temos com a escola e as vezes que nos sentimos sozinhos, com vergonha e medo da exposição e de não ser aceito pelo grupo. Por isso, esses debates podem incluir alunos que geralmente não têm espaço para se expor na aula bancária tradicional.

Os atores - Ensaando a vida

O próximo passo, é justamente organizar as funções da equipe, e na prática do vídeo estudantil várias ações serão feitas de forma concomitante, pelo mesmo aluno com a ajuda do grupo. No cinema podemos trabalhar o vídeo estudantil em duas ações:

- 1ª Técnica;
- 2º Artística.

A parte técnica dividida em grupos de alunos que vão organizar:

- Produtor é quem vai organizar as ações do grupo para gravação, onde gravar, a que horas, pedir os espaços, autorizações e lanche, se precisar.

- Operador de câmera é quem vai gravar o vídeo, ver se a bateria do celular está boa para gravação, se tem espaço no cartão do celular para gravar e ações técnicas para gravação, sendo que um tripé é sempre uma boa utilização.
- Diretor é quem tem a função de escolher o plano cinematográfico (enquadramento) que vai ser feito e a escolha e ensaio com os atores.
- Direção de Arte que vai organizar onde será gravado e o tipo de roupa que os alunos irão utilizar.

Estas etapas de pré-produção que apresentamos não é a que se realiza no cinema, mas a adaptamos para as ações educacionais.

Aqui iremos apresentar a importância da escolha dos atores tanto no âmbito da criação de um signo como no âmbito da Representação Social, os signos que o aluno vivencia na sua realidade como sujeito social. Apontamos uma questão muito delicada que é a escolha dos atores, pois escolher o ator A ou o ator B significa criar ou reforçar um signo. Exemplo de um curta onde temos um assalto:

- Quem vai ser o assaltante?
- Qual a roupa que ele irá usar?
- Será que o aluno escolhido para ser o assaltante vai ser o negro da sala? E vão colocar nele a camisa de um time como o Flamengo?

Isso é reforçar o preconceito e não modificá-lo!

Podemos aproveitar a escolha dos atores para debater com os alunos a sua realidade e como podemos modificar essa representação social já inconsciente na sociedade

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo. Isto nos leva a uma segunda característica da relação: a consequência, resultante da criação e recriação que assemelha o homem a Deus. O homem não é, pois, um homem para a adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (a propaganda política ou comercial fazem do homem um objeto) (FREIRE, 1979, p. 16).

E no curta *Primeiro Assalto* realizado na cidade de São Leopoldo/RS a docente teve a sensibilidade de inverter essas ações colocando a assaltante sendo uma menina gaga e o assaltado sem estereótipo. Essa ação da docente quebra com o pré-estabelecido, o senso comum, fazendo com que os alunos repensem sua realidade e as representações sociais esperadas para determinada situação.

Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias (FREIRE, 1979, p. 16).

Como escolher os atores?

Primeiro convidamos os alunos que querem participar, depois analisaremos quais são os personagens e então iremos convidar quem achamos que pode realizar aquele papel dentro de uma representação social ou modificando-a. Vamos a um exemplo prático, na nossa história Jesus volta à terra e não é reconhecido. Uma cabeleireira não o reconhece e nem um bêbado que ele ajuda a parar de beber e um policial o prende.

Personagens

Jesus, Cabeleireira, Bêbado e Policial. Como seriam esses personagens?

Qual *a cara* desses atores? Aqui o importante é a criação de um signo audiovisual com as características exteriores do personagem, o rosto, os tipos, o modo desses atores apresentam uma questão muito importante que Freire já debatia que é conhecer a realidade do aluno, fazer a leitura do mundo. Temos um personagem que é um assaltante, quem será? De acordo com Freire estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos (FREIRE, 2010, p. 30).

Será que pode ser interessante essa troca de signos já postos entre os alunos? Se escolhermos a menina branca para ser a assaltante, estamos reconfigurando que o aluno veja a sociedade de forma diferente da que os meios de comunicação hegemônicos exibiram, mas essa mudança faz o aluno pensar e até se questionar, isso é parte do aprendizado do currículo oculto. “Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (FREIRE, 2010, p. 41). Por isso é importante a ação docente nesse momento, conversar com os alunos sobre o que desejam passar, pois a escolha dos atores tem ligação direta com o signo criado e o que iremos passar para os espectadores.

Imagine que no nosso exemplo Jesus em vez de ter a característica ariana como normalizado pelos meios de comunicação e eternizado pelo filme de Zeffirelli fosse um Jesus negro, será que seria aceito? Por que fazer um Jesus negro? Qual o motivo? Isso é a força de um signo.

Ensaio com os atores

O ensaio com os atores pode ser feito com a escaleta, lembrando que são apenas as cenas em que vão ocorrer no filme sem as falas.

Como exemplo:

- Um menino que sonha em ser assaltado... A primeira cena é ele sentado na escola pensando em ser assaltado, quando a namorada informa que a professora de Matemática foi assaltada.

Perceba que não tem diálogo, mas no ensaio o diálogo surge e o ator pode ir adaptando essa fala a sua realidade.

- 1 - A fala do menino é o motivo que o leva a não ser assaltado;
- 2 - Ele pode questionar o motivo e pode ser preconceito com ele;
- 3 - A namorada pode falar qualquer coisa, meio desesperada, sobre o assalto que a professora sofreu e o medo de ser assaltada;
- 4 - Ele acalma a namorada e pede conformação e vai até a praça para ver se consegue ser assaltado.

Se tivéssemos um diálogo, o que pode ser feito, os alunos também terão que ensaiar a forma que irão falar.

O ensaio é um momento muito rico para os alunos aprenderem ou reforçarem os conceitos já postos e internalizados. Muitas vezes no ensaio o que geramos é a curiosidade de como essa fala vai funcionar e o que as pessoas vão sentir. A curiosidade como desafio para provocar algum conhecimento provisório de algo (FREIRE, 2010, p. 87). Assim, é no ensaio que criamos a fala e como se fala. Os alunos trocam ideias e percepções entre si. Entendendo qual seria a melhor maneira de falar ou como falar. Essa troca de diálogos entre os estudantes é um momento rico, para refletir e analisar os pré-conceitos que vivenciamos em nossa sociedade, pois conforme Freire

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista (FREIRE, 2010. p. 145).

Compactuando com Freire a educação não é um processo frio, mas sim de diálogo e respeito mútuo. Assim, quando professores e alunos pensam, organizam e refletem na criação de cada cena, na história fictícia ou não criada pelo grupo de alunos, há possivelmente, uma retomada de consciência coletiva, pois a criação foi pensada e gerou emoção nesses alunos e o ensaio gera a expectativa e a emoção de vivenciar outra pessoa. E a produção de vídeo gerou emoção mesmo sem querer, pois, para os alunos, a produção de vídeo é a incerteza do que irá acontecer.

O cinema liberta não apenas o corpo, mas a mente dos alunos. O ensaio é um momento rico, que não pode ser ignorado, pois possibilita aos alunos se reconhecerem como sujeitos do seu fazer. De acordo com Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

E a produção de vídeo estudantil contribui para que os alunos tenham justamente essa possibilidade para sua própria construção. Quando fazem vídeo, principalmente no ensino fundamental, entendem a importância de comunicar algo a alguém e, esse processo, auxilia no desenvolvimento psicológico e físico dos envolvidos.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo, se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000, p. 17).

E o adolescente quer mudar o mundo, quer fazer a diferença. Por isso, prezado professor, quando você solicita ao aluno a produção de um vídeo está, de certa forma, com “disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e a utilização de um critério para a recusa do velho (FREIRE, 2003, p. 35).

Onde iremos gravar?

Outro ponto que também precisamos escolher é onde será gravada a produção. Geralmente, essas gravações são no entorno da escola em função da dificuldade de locomoção dos alunos fora do seu espaço físico (o salão de beleza, a padaria que fica na frente da escola) dentre outros espaços são utilizados, e para isso é necessário os alunos irem até estes espaços e conversarem com os responsáveis pedindo o espaço para a gravação. Perceba que parece algo simples, mas para os alunos conseguirem exercitar uma parte do currículo oculto importante é preciso uma mobilização geral. Acreditamos numa “Pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à própria autonomia do educando” (FREIRE, 2010, p. 16).

E é justamente essa autonomia que contribui para o desenvolvimento pessoal do aluno. É preciso conversar com os donos desses espaços para que autorizem a gravação, o aluno aprende a debater a discutir não só com seus pares, mas com pessoas externas à sua realidade. Caso não seja autorizado o uso dos espaços, o aluno precisa reconfigurar suas ações para sanar o problema. “Os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2010, p. 26).

Essa autonomia é importante para o desenvolvimento social do nosso aluno. Perceba que fazer vídeo é uma ação pedagógica, não pelo produto, mas pelo processo. Até o momento, vimos apenas a pré-produção.

O pedagógico na pré-produção

Agora fechamos a questão da pré-produção e nesse ciclo percebemos que muitas ações e reflexões do nosso mestre Freire foram apresentadas. Lembrando que estamos realizando um recorte transversal, um deslocamento conceitual, pois Freire não apresentou reflexão sobre a produção de vídeo dentro do espaço educacional, por isso estamos fazendo esse deslocamento na visão do mestre e criando ações e paralelismo que contribuem para essa ação.

O docente pode informar aos alunos que eles estão adaptando o roteiro para a realidade deles, e que vão fazer um curta-metragem, um vídeo que tem uma proposta educacional não na mensagem, mas na sua realização.

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos porque brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas (FREIRE, 1996, p. 38).

Alguns professores, muitas vezes, pressupõem que os alunos vão ser técnicos ou artistas. No entanto, produzir vídeo estudantil não tem esse objetivo, mas o objetivo pedagógico do componente curricular ou do currículo oculto, que o professor deseja trabalhar ou proporcionar aos alunos.

Acreditamos que seja na troca de conhecimento, seja na troca do mundo dos signos internalizados pelos alunos, seja na questão da autonomia questões que apresentamos esse paralelo e podem ser debatidas com ações da nossa produção de vídeo estudantil. Agora passaremos a analisar os conceitos de Freire no *Set*, na gravação, será que iremos conseguir fazer esse deslocamento conceitual?

Produção - O espaço de gravação

Chamado de *set*, ou seja, o espaço de gravação onde é feito a transposição do que o aluno imaginou, a ideia que ele tem e passa a concretizar na gravação, nesse momento ele cria um signo linguístico, sai do significante linguístico, as letras do roteiro e passa a algo visual, o signo imagético. Esse momento é muito rico, pois o aluno muitas vezes se frustra, pois percebe que não consegue passar para a imagem o que ele pensou e que não fica como os filmes da TV, por isso o professor precisa mostrar para o aluno o que ele está realizando. É a intencionalidade pedagógica que faz essa ação ser e ter um caráter pedagógico que é a função principal de ações dentro do espaço escolar.

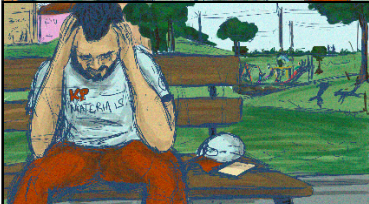
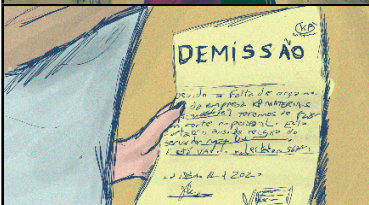
No cinema chamamos de produção justamente o momento, isto é, o *set* cinematográfico onde gravamos. E para isso temos algumas questões técnicas de enquadramento, que vão ser traduzidas como o espectador vai ver, compreender aquela cena. Qual vai ser o enquadramento que vai ser usado? Um plano geral? Um plano detalhe? Um plano médio? Pode parecer questões técnicas simples, mas na verdade é como o aluno pensa sobre como o espectador vai compreender aquilo que foi produzido, a escolha do plano já reforça o signo que estou narrando.

Um exemplo simples. Um homem no trabalho é chamado pelo chefe que o demitiu, ele fica triste e vai para casa e a esposa fica do seu lado.

Perceba que essa ação é simples, mas levanta que tipo de plano eu irei usar e o motivo para usar o mesmo. No caso irei apresentar alguns planos que demonstrem essa ação.

- 1º Plano médio para apresentar o personagem trabalhando;
- 2º Plano geral o chefe o demite;
- 3º Plano médio ele sentado na praça pensando;
- 4º Plano geral da esposa o abraçando;
- 5º Plano detalhe da carta de demissão.

Quadro 1 – O espaço de gravação

Plano Imagem	Descrição do Plano	Intenção e Objetivo da Imagem
	Plano médio	Mostrar o nosso personagem trabalhando.
	Plano geral da ação	Apresentar que o chefe entregou algo para o empregado.
	Plano médio ênfase para o fundo com crianças	Mostrar que ele está pensativo e meio desiludido com o futuro das crianças.
	Plano Geral ênfase na esposa grávida	Mostrar que a esposa está grávida.
	Plano detalhe da demissão	Apresentar para o público que a carta entregue pelo patrão é sobre a sua demissão.

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. Adaptação: Carolina Abukawa.

Como estamos no momento de pandemia não podemos gravar essas imagens, por isso pedimos a um aluno do curso de cinema da UFPel para desenhar como ficaria essa ação, só para que pudéssemos ver como seria a cena. Mas qual a importância de pensar nesses planos? Criar no aluno a responsabilidade de comunicação com o outro.

O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciados, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE, 1970, p. 50).

Pensar os planos antes de gravar e depois, mesmo na gravação, realizar as adaptações necessárias se torna um ato de reflexão do aluno sobre o mundo na criação e concretização do signo audiovisual.

O aluno necessita pensar qual imagem deseja transmitir, pois a imagem é um signo e esse signo comunica. Utilizando os ensinamentos do mestre Freire podemos pensar que a imagem é a forma como o aluno vê o mundo e a forma como ele quer apresentar esses planos, do seu mundo interior para o seu mundo exterior.

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar, se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes (FREIRE, 2010, p. 22).

E a nossa analogia é justamente o aluno produzir um vídeo, analisar o resultado, para então, se necessário, reorganizar suas ações e refazer aquilo que não ficou de acordo com o planejado.

Se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o que fazer é práxis, todo fazer do que fazer tem de ter uma teoria e prática. É reflexão e ação (FREIRE, 1970, p. 77).

Por isso recomendamos que o professor possa fazer antes do vídeo um ensaio, um teste com os alunos, de uma cena, para o aluno poder compreender a questão técnica do cinema e poder depois de conhecer a técnica transformá-la em poética e linguagem.

Aqui estamos simplificando, pois a gravação é um espaço super rico em que os alunos têm que repensar várias ações e criar mapas mentais sobre as novas ações. Depois

de gravar o filme, vem a parte de pós-produção e suas características, se a gravação, o set, é o nascimento do signo linguístico a pós-produção é a finalização desse signo. O que é e como ocorre após-produção?

Pós-produção

A pós-produção se caracteriza com a edição do filme audiovisual, ou seja, depois de gravado ele precisa ser organizado e depois finalizado. Quando gravamos geralmente temos imagens acima do que precisamos e imagens repetidas o que no cinema chamamos de take. Gravei uma cena do chefe entregando uma carta para o empregado. O diretor achou que o chefe demorou muito então mandou repetir a cena, o que seria regravar o mesmo plano que no cinema chamamos de take 2. Nessa nova gravação o empregado abaixa muito a cabeça e faz cara de triste, o diretor manda repetir, pois não gostou do gesto do ator. Repetiremos, novamente o mesmo plano, então seria o take 3.

Na edição ocorre a separação desses materiais principalmente o take que vai ser usado no filme, pois a edição é o espaço para separar, tirar os planos repetidos e se concentrar na criação do filme. Para isso, o aluno pode usar APPs de edição e software livres dependendo de sua realidade.

É preciso escolher qual imagem será usada e pensar todo o signo que o aluno apreendeu durante a sua vida. Editar é o momento mais rico. Para fechar este capítulo acredito que o caminhar se faz caminhando, e isso seria o mais importante o aluno pode vivenciar o audiovisual, o fazer vídeo com ajuda de seus colegas e do seu professor.

Repensar a vida, repensar o seu fazer, o seu poder de escolha do seu poder de sonhar.

Para não finalizar e continuar a debater

Para Freire, a escola do modo como está organizada deixa de fora a realidade do aluno. Ela passa a contribuir para aumentar a distância entre o mundo da escola e o mundo real. Aqui acho importante apontar que esta fala do autor tem mais de 20 anos e ainda

hoje vemos na sala de aula o distanciamento entre o ensino e a realidade dos alunos embora as escolas estejam equipadas com tecnologias.

O que é que eu quero dizer com dicotomia entre ler as palavras e ler o mundo? Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as ‘palavras da escola’, e não as ‘palavras da realidade’ (FREIRE, 1990, p.164).

Para buscar alterar esse quadro de distanciamento entre a realidade do mundo e a escola, é importante que o docente seja o mediador no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo com a construção de conhecimento do aluno. Para isso é necessária reflexão, pois quando um professor reflete, está dando ouvidos à sensibilidade, abrindo-se à intuição, ao diferente, ao inesperado, estando, portanto, mais propício para mudança de paradigma e crescimentos profissionais.

A comunicação entre professores e alunos evidencia uma pedagogia comunicacional. E é através dessa prática que o docente pode usar tecnologias para planejar e executar seu trabalho.

No paradigma emergente, o conhecimento é sinônimo de autoconsciência, satisfação pessoal e “saber viver”. Nesse modelo, professor e aluno, através da interação, ensinam e aprendem juntos, construindo uma cidadania ativa. O professor que se abre para as linguagens midiáticas adquire experiências em comum com os alunos e realiza uma prática pedagógica voltada para a realidade comunicacional.

Com a produção de vídeo estudantil, a relação entre professor e aluno é alterada, pois a concepção bancária é modificada.

Em uma pesquisa feita por Pereira e Janhke sobre a produção de vídeo realizada em uma turma da 8ª série da escola Independência, na cidade de Pelotas, os alunos comentaram sobre sua experiência de produzir vídeos.

Fazer vídeo é legal (...) porque com certeza a gente compartilha ideia, e não é só ver o que o autor escreveu e pronto. A gente aprende mais porque você não tem só a sua opinião, tem a dos outros também, comparar as ideias, é bem legal isso. Aluna Camila, 14 anos (PEREIRA, JANHKE, 2012, p. 53).

A escola é um ambiente diversificado. Nela estão presentes professores e alunos que são responsáveis por práticas de ensinar e aprender a partir de vivências e experiências. Ao planejar a sua aula, o docente leva em consideração o conteúdo, objetivos e avaliação e pode utilizar a tecnologia dentro do seu planejamento. Um exemplo de aula com tecnologia é a produção de vídeo, não como um tema inovador, mas como uma abordagem inovadora na prática docente.

A escola não é mais o único lugar em que se aprende; novos espaços de socialização fazem parte da vida de nossos alunos, entre eles as mídias e a internet.

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade (FREIRE, 2000, p. 22).

Estamos em um processo de mudança e a educação pode e deve se reinventar e porque não a produção de vídeo estar no debate nas graduações e pós-graduações.

Capítulo VI:
Na prática 3 – produzindo
vídeo a partir de Freire

Este capítulo é dedicado a você, professor, na intencionalidade de contribuir com suas práticas pedagógicas, considerando que para Freire a escola tem que ter uma visão política. Para ele, nossas escolas ainda trazem marcas de uma educação bancária, no entanto, professores e alunos devem e podem aprender juntos. Sendo assim, a produção de vídeo estudantil basicamente é a síntese de tudo que o Mestre Freire nos ensinou, e muito mais do que está nas entrelinhas de seu pensamento. O que percebemos quando produzimos vídeo com os alunos é que eles têm percepções políticas, o que é visível pois querem falar e expressar a realidade de suas vidas. Então não se espante, isso é normal. O professor e os alunos vão debater, repensar, criar juntos. O professor tem todo o conhecimento acadêmico e de vida, que adquiriu ao longo dos anos e os alunos têm toda a curiosidade, vontade e determinação que a idade lhes apresenta. Assim, esse modo de unir o que o aluno sabe e o que o professor conhece, é uma forma de repensarem e lerem o mundo.

Queremos agora apresentar como, na prática, você pode fazer vídeo com seus alunos. Sabemos que o livro não é para essa ação, mas talvez depois de ler tanto sobre o Mestre Freire e sobre a produção de vídeo estudantil como uma ação pedagógica, provavelmente, você ficou curioso e deseja produzir vídeo com seus alunos. Assim, pode associar esse fazer a uma intencionalidade pedagógica, a uma metodologia ativa e utilizá-la também para as suas ações da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Queremos que você encontre de forma prática de fácil acesso, onde possa aprender a produzir vídeo com seus alunos, por isso, temos o nosso laboratório acadêmico de produção de vídeo estudantil, que tem entre suas ações, capacitar professores para produzir vídeos dentro do espaço educacional. Essa ação é realizada desde o ano de 2011.

Assim, para os professores que querem aprender a fazer vídeo com seus alunos, indicamos as páginas da internet que irão contribuir com suas práticas, na produção de vídeos.

Abaixo estão os links e como cada um pode contribuir a produzir vídeo dentro do espaço escolar.

O Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE), organiza oito ações que contribuem para o desenvolvimento da produção de vídeo estudantil. O documentário Metodologia PVE apresenta como a PVE é vista por professores da educação básica.

Documentário – *Por que Fazer Vídeo Com os Alunos* – Link: https://youtu.be/HwPEcx_uBkM

O primeiro festival brasileiro de produção de vídeo estudantil foi o de Guaíba e o relato está no livro sobre o evento escrito pelo professor Josias Pereira, *Livro 20 anos – Festival de vídeo estudantil de Guaíba: Múltiplas Perspectivas* (PEREIRA; FRANCO, 2022). Link: <https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2022/07/FESTIVAL-DE-CINE-GUAIBA-02-06-22.pdf>

E para os alunos o HQ sobre PVE tem sido muito utilizado e debatido pelos alunos,

O HQ *10 passos para fazer vídeo com os alunos* (PEREIRA; ALVES, 2022). Link: <https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2022/08/10-passos-para-fazer-video-com-os-alunos.pdf>

Naquela escola, três alunos excepcionais se destacavam não apenas por suas notas, mas também por seu amor pela tecnologia. Maria, Pedro e João, jovens visionários, perceberam que seus professores enfrentavam dificuldades na criação de vídeos para as aulas. Movidos pela vontade de ajudar, os três alunos embarcaram em uma missão ousada: ensinar seus mestres a fazer vídeos de maneira diferente.

Com suas mentes brilhantes e criativas, Maria, Pedro e João elaboraram uma lista de 10 passos que simplificariam o processo de produção de vídeos educativos. Acreditavam que, ao seguir essas etapas, os professores poderiam criar conteúdo de qualidade, envolvente e inspirador para seus alunos. Determinados, começaram a compartilhar seus conhecimentos com os professores da escola, conduzindo workshops, mostrando exemplos práticos e transmitindo seu entusiasmo contagiante. A missão era clara: tornar a criação de vídeos acessível e descomplicada, permitindo que qualquer professor, independentemente de suas habilidades tecnológicas, pudesse produzir vídeos de forma simples e prática.

Abaixo no Quadro 2 as ações que o laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo organiza:

Quadro 2 - Ações do LabPVE

Ações	Função
1 - Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil	Debate com professores da educação básica e pesquisadores sobre a produção de vídeo no Brasil.
2 - Revista Roquette Pinto	Espaço para professores da educação básica e pesquisadores escreverem sobre o seu processo educacional e técnico na produção de vídeo estudantil.
3 – Canal do <i>Youtube</i>	Canal do Youtube onde temos, webserie, videoaulas de técnicas cinematográficas, softwares livres e APP que ajudam o professor a realizar vídeo com os alunos. Em junho de 2021, temos 34 mil inscritos no canal.
4 – Grupo de Pesquisa LabPVE	Grupo de pesquisa que analisa e realiza o mapeamento de como é feita a produção de vídeo dentro do espaço escolar e de técnicas criadas por professores para essa função.
5 – Site - Produção de Vídeo Estudantil	Espaço para divulgar ações da produção de vídeo no Brasil e dicas de livros e softwares.
6 – Cineclube Estudantil	Cadastramos mais de 150 vídeos de professores e alunos que produziram vídeo dentro do espaço escolar. Catalogamos 24 temas que o professor pode escolher no site.
7 – Cursos Sobre Produção de Vídeo Estudantil	Cursos livres e sem custo para professores da educação básica sobre metodologia PVE (Produção de vídeo estudantil).
8 – Filmes de longa- metragens realizadas pelo projeto de extensão	Espaço para apresentar os longa-metragens feitos pela LabPVE e de outros espaços para debate na sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. Adaptação: Carolina Abukawa.

Abaixo as webseries que recomendamos para que professores aprendam a fazer vídeo com seus alunos.

Quadro 3 - WebSeries

Programa Dicas do Jo	Webserie - Aqui você aprende dicas com o professor Josias Pereira.
5 Passos para Fazer Vídeo com seus alunos	Webserie - Apresentamos cinco passos para fazer vídeo com seus alunos, aproveite os vídeos curtos de 3 minutos que mostram tudo sobre como fazer vídeo.
Aprenda a Fazer Vídeo do Início ao Fim	Webserie com o professor Josias apresentando o passo a passo de como fazer vídeo com seus alunos.
Aprenda a Fazer Vídeo com a Professora Odete	Webserie onde a professora Odete ensina como organizar a turma e fazer vídeo com seus alunos.
Cine Primeiros Passos	Webserie com Kelly sobre ações do cinema e do vídeo.
Cine Passo a Passo	Webserie com Lizi Fonseca de como fazer vídeo com seus alunos de modo simples e cômico.
Como Um Vídeo é Feito	Webserie - Aprenda como um vídeo foi feito analisando três curtas realizados por estudantes.
Direção de Atores para vídeo estudantil	Webserie - Aprenda com o professor Vagner Vargas a dirigir atores para vídeo estudantil.
Por Que Fazer Vídeo Com Seus Alunos?	Webserie como é a produção de vídeo na visão de Freire, Freinet, Roquette-Pinto.

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. **Adaptação:** Carolina Abukawa.

Abaixo as videoaulas que recomendamos para que professores aprendam a fazer vídeo com seus alunos.

Quadro 4 - Videoaulas

Editor Olive	Videoaula do editor gratuito Olive.
Editor ShortCut	Videoaula sobre como usar o editor de vídeo.
Editores de Vídeo	Videoaula com Filmora, Movavi, Gimp e Windows movie maker.
Gravando uma videoaula	Videoaula do programa OBS que ensina a gravar a tela do computador para usar o power-point e a sua webcam.

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. **Adaptação:** Carolina Abukawa.

Abaixo, diversos vídeos do *Youtube* que recomendamos para que professores aprendam a fazer vídeo com seus alunos.

Quadro 5 - Diversos

Documentário Estudantil	Aprenda a Fazer documentário de forma simples com seus alunos.
SEM HPV – A série	Filme de longa-metragem onde uma menina de 12 anos desafia o sistema e quer fazer vídeo e não apenas prova!

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. **Adaptação:** Carolina Abukawa.

Quadro 6 - Livros recomendados

Como Fazer vídeo na prática da sala de Aula	Professor de Matemática tenta fazer vídeo com seus alunos.
Produção de Vídeo Nas Escolas Educar Com Prazer	Relato da experiência feita por Josias Pereira na escola Independência com os alunos do 9º ano produzindo quatro vídeos.
Produção de Vídeo Uma Prática Pedagógica Emergente	Livro organizado pelo CBPVE apresentando pesquisadores do Brasil e sua ligação com a produção de vídeo estudantil.
Livro Cultura, Politecnia e Imagem	Ao acender a discussão em torno da cultura em suas diferentes dimensões, a obra traz um aprofundamento teórico sobre o assunto, somando-o às experiências do cotidiano escolar e àquelas ligadas à produção da imagem nas suas variadas formas de expressão. Apresenta reflexões da cultura nos campos do trabalho e da saúde, integrando-os. Os artigos contidos nessa coletânea problematizam a cultura em sua dimensão material e simbólica da vida social, contribuindo para o aprimoramento de professores e alunos no desenvolvimento de valores e instrumentos para a compreensão crítica da realidade. É resultado do amadurecimento do trabalho da área de Tecnologias Educacionais em Saúde da EPSJV.
Dissertação “A construção do conhecimento pela fotografia”	O objetivo principal é analisar a imagem fotográfica como produtora de conhecimento e sua potencialidade pedagógica, a partir de dois aspectos: como mediação de um contexto histórico social e cultural da sociedade de consumo, seja no ato da produção ou na própria realidade retratada; e a fotografia em si mesma, como um registro visual estético de uma experiência criadora do fotógrafo. Como campo empírico a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ) e a experiência de produção de imagens nos Acampamentos Pedagógicos Mandala.

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. Adaptação: Carolina Abukawa.

Quadro 7 - Artigos Recomendados

Produção de vídeo estudantil: A Hora e a Vez do Aluno	Como o projeto de produção de vídeo nasceu na UFPel e como tem resolvido questões acadêmicas e práticas do fazer vídeo com os alunos.
A Produção de Vídeo na Prática: Análise do I Festival de Vídeo Estudantil da cidade de Capão do Leão	Apresentamos como o vídeo feito por alunos tem viés cada vez mais político.
Produção de Vídeo Estudantil: Uma realidade das Escolas Brasileiras	Pesquisa feita com professores da educação básica sobre o que os levaram a fazer vídeo com os alunos.
Para além da zona de conforto - o cinema na escola	As reflexões contidas neste pequeno texto partem da experiência lançada pelo Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde (Nuted), ao propor um curso de audiovisual dentro do currículo de Ensino Médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, na Fiocruz. Contamos ainda com pouco tempo para o amadurecimento dessas ideias – o curso está encerrando seu primeiro ano –, mas arriscamos aqui alguns palpites, interpretações e sugestões para alimentar a discussão sobre o porquê de se ter esse tipo de conteúdo na formação dos nossos jovens.
Audiovisual como componente curricular da formação Politécnica A experiência da “Disciplina de Audiovisual” da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio	O presente trabalho se baseia no relato da experiência da “disciplina de audiovisual” da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/ Fiocruz) como dispositivo para problematizar o ensino/uso do audiovisual na sociedade contemporânea e a intensificação do uso da linguagem cinematográfica como recurso pedagógico dentro das salas de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. Adaptação: Carolina Abukawa.

Quadro 8 - Ações da Fiocruz

Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio	Configura-se, principalmente, como uma proposta de incentivo, buscando aproximar alunos de escolas públicas – historicamente, distantes de processos de utilização de tecnologias associadas à estética – do exercício da investigação, do pensamento, indo além do tecnicismo e da preocupação exclusiva com o produto final. Provocando a discussão acerca das produções audiovisuais e de sua homogeneização.
Seminário de Audiovisual e Educação	Visa à articulação do conhecimento científico com as práticas pedagógicas já realizadas pelos professores da educação básica. Por meio da sistematização de suas práticas e da reflexão acadêmica sobre a área da educação audiovisual, os professores terão a oportunidade de aproximar ensino e pesquisa.
Blogger da disciplina de Audiovisual	Este blog e canal de vídeos contêm parte da produção audiovisual de alunos da EPSJV em diversos componentes curriculares. Toda sua produção é realizada em processos educativos. Os assuntos, temas e formas de abordagem são de livre escolha dos alunos e não refletem as opiniões ou posicionamentos da instituição.
Blogger da Educação Audiovisual	Como ensinar Audiovisual no contexto escolar no diálogo com sociedade imagética que vivemos? O presente blogger tem como objetivo apresentar a experiência de Educação Audiovisual realizada desde 2003 pelo professor Gregório Albuquerque. Essa experiência culminou na pesquisa de doutorado no Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana na UERJ/RJ, sob orientação da prof. dra. Marise Ramos e que será defendida em 2021.

Fonte: Elaborado pelo autor Josias Pereira, 2022. Adaptação: Carolina Abukawa.

Notas de fim

1. No terceiro ano, os alunos produzem um curta e a escolha deles foi a interpretação do Rodrigo e o vídeo chama-se “Contracorrente”. Ganhou diversos prêmios de melhor vídeo e melhor ator.
2. Esse exercício pode ser visto em <https://educacao-audiovisual.blogspot.com/p/exercicio-carta-audiovisual.html>.
3. A disciplina de audiovisual compõe a parte artística (música, teatro, artes visuais e audiovisual) do currículo integrado da formação técnica da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz).
4. Zero, por quê? Professores responsáveis Gregorio Albuquerque e Cynthia Dias. Direção: Rafaella Peres.
5. Professores responsáveis Gregorio Albuquerque e Cynthia Dias. Disponível em: http://ensaioaudiovisualepsjv.blogspot.com/2018/06/disciplina-audiovisual-producao-do_12.html. Acesso em: 15 jun. 2020.

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERINO, Aristóteles de Paula. Paulo Freire esteta: arte, fotografia e cinema. E-Mosaicos – *Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp–UERJ)*, n. 13, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/30478>. Acesso em: 15 fev. 2021.

EDUCAÇÃO Audiovisual – *Blog* que apresenta a experiência da Educação Audiovisual realizada pelo professor Gregório Albuquerque. Exercício Carta Audiovisual. Disponível em: <https://educacao-audiovisual.blogspot.com/p/exercicio-carta-audiovisual.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

ENSAIO Audiovisual – *Blog* da disciplina de Audiovisual EPSJV/Fiocruz. Disponível em: https://ensaioaudiovisualepsjv.blogspot.com/2018/06/disciplina-audiovisual-producao-do_12.html. Acesso em: 28 abr. 2023.

FREINET, Célestin. *As técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Sobre educação: diálogos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

MATTOS, Daniela P.; PEREIRA, Josias. *A produção de vídeo na prática escolar: análise do I Festival de Vídeo Estudantil da Cidade de Capão do Leão/RS – Brasil*. *Revista Tecnologias na Educação*, ano 9, n. 19, jul. 2017.

MATTOS, Daniela Pedra. *As tecnologias em uma escola pública rural: um desafio pedagógico*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, Josias. Neurociência e a produção de vídeo estudantil. *Roquette Pinto – A Revista do Vídeo Estudantil*, Pelotas, n.1, 2018. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/files/2018/09/revista.roquette.pinto_.001.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

PEREIRA, Josias; FRANCO, Dayara; VILELA, Rita Martins. *Vinte anos - Festival de vídeo estudantil de Guaíba - múltiplas perspectivas*. Pelotas: Rubra Cognitiva, 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2022/07/FESTIVAL-DE-CINE-GUAIBA-02-06-22.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2022.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. *Produção de vídeo nas escolas: educar com prazer*. Pelotas: ErdFilmes, 2012.

PEREIRA, Josias; NEVES, Giovana (org.). *Produção de vídeo nas escolas: uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador*. Pelotas: ErdFilmes, 2014.

PEREIRA, Josias; PROENÇA, Kelvin; ALVES, Luan. Professores, conhecem dez passos para produzir vídeos com os alunos? Pelotas: *Rubra Cinematográfica*, 2022.

Referências

Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2022/08/10-passos-para-fazer-video-com-os-alunos.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2022.

PEREIRA, Josias; SILVA, Vânia Dal Ponte Pereira da. *Como fazer vídeo estudantil na prática da sala de aula*. Pelotas: Erdfilmes, 2018.

ROCHA, Glauber. *Revolução do Cinema Novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. O professor como artista. In: GADOTTI, Moacir (org). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

SILVA, Vânia Dal Pont Pereira da. *Ensino de matemática com uso de vídeos na educação básica do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPel. *Cineclube Estudantil*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cineclube/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

Audiovisuais

CONTRACORRENTE. Direção: Bianca Potsch e Rafaella Peres. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), 2018. 1 vídeo (13 min 33 s). Publicado pelo canal Cultura Politecnia. Disponível em: http://ensaioaudiovisualepsjv.blogspot.com/2018/01/disciplina-audiovisual-producao-do_31.html. Acesso em: 28 dez. 2022.

OPÇÃO SEXUAL. Direção: Kadij dos Santos Moraes, Lidiane de Souza Barros. Capão do Leão, 2016. 1 vídeo (5 min 51 s). Publicado pelo canal do Festival de Vídeo Capão do Leão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t0ZTOD6BC_g&t=9s. Acesso em: 8 maio 2023.

Referências

TECNOLOGIA ou metodologia? Roteiro: José Cubero Allende. Desenho/Animação: Jayme Júnior. Narração: Cristóvão Abranches. [S. l.: s. n.], 2007. 1 vídeo (3 min 5 s). Publicado pelo canal Amintr. Disponível em: https://youtu.be/IJY-NIhdw_4. Acesso em: 16 maio 2021.

VOLTA QUE DEU ERRADO. Vídeo produzido na disciplina de Audiovisual da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). Professores responsáveis: Cynthia Dias e Gregorio Albuquerque. Rio de Janeiro, 2019. 1 vídeo (3 min 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q3PT04n78OM>. Acesso em: 28 dez. 2022.

ZERO POR QUÊ? Direção: Rafaella Peres. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), 2016. 1 vídeo (2 min 8 s). Publicado pelo canal Cultura Politecnia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DB-3jeIUdqmo>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Sobre os autores



Daniela Pedra Mattos

Graduada em Letras e mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Atuou como professora da escola pública municipal e estadual no estado do Rio Grande do Sul/RS e como docente convidada para ministrar aulas em faculdades gaúchas. Pesquisadora e autora de diversos artigos apresentados em congressos nacionais e internacionais de Educação. Organizadora do livro *Sala de aula e Pesquisa* (MarconBrasil, 2020). Autora do livro *A boniteza da reinvenção: práticas docentes em meio à pandemia* (MarconBrasil, 2021). Professora, poetiza e escritora.

E-mail: danypedramattos@gmail.com

Instagram: dani_pmattos

Facebook: Daniela Pedra Mattos



Gregório Albuquerque

Professor/pesquisador do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde e professor da disciplina de audiovisual do ensino médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ). Organizador do livro *Cultura, politécnica e imagem* (EPSJV, 2017). Produtor e diretor do documentário *Ilva! Vida e obra da atriz Ilva Niño* (2021). Atua em pesquisas e publica artigos no campo da Educação Audiovisual na perspectiva da cultura, política e educação.

E-mail: gregoriogalbuquerque@gmail.com

Blog: <https://educacao-audiovisual.blogspot.com/>

Flickr: <https://www.flickr.com/photos/gregorioalbuquerque/albums>

Instagram: [gregorio_albuquerque](https://www.instagram.com/gregorio_albuquerque)



Josias Pereira

Professor adjunto da UFPel e coordenador do Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE). Há 20 anos pesquisa a produção de vídeos dentro do espaço escolar. Autor de mais de 10 livros sobre o tema, tem Paulo Freire como base de estudos e pesquisa por acreditar que a educação é um espaço de mudança social. Acredita que a produção de vídeos contribui para que o aluno saia do espaço da educação bancária e aprenda a ler o mundo, recriando histórias e criticando a própria sociedade.

E-mail: josiasufpel@gmail.com

Instagram: [josiaspereira_](https://www.instagram.com/josiaspereira_)

Site: [LabPVE](http://LabPVE.org)

A metodologia PVE trabalha com abordagens pedagógicas não tradicionais que se fundamentam em estratégias de ensino contribuindo para o processo de ensino do aluno que pode ocorrer de forma individualizada ou em grupo.

Josias Pereira

Este livro foi composto nas tipografias
Andada Pro, Pangolin e Roboto.

E aí, professor? Quer aprender a fazer vídeos com os conceitos de Paulo Freire?

Paulo Freire defendia o protagonismo do aluno como um dos pilares fundamentais de uma educação libertadora. Em sua abordagem pedagógica conhecida como “Pedagogia do Oprimido”, ele enfatizava a importância de reconhecer e valorizar a experiência e a vivência do estudante no processo de aprendizagem. E é isso que a produção de vídeo faz na prática com os alunos.

Paulo Freire nunca falou sobre fazer vídeo, isso é verdade. Mas será que, ao reler sua obra, não podemos estabelecer um paralelo com o que acontece hoje nas escolas brasileiras, que é a produção de vídeos com os alunos de forma pedagógica? O que o mestre Freire falaria sobre essa ação? Será que quando o aluno faz o vídeo, ele está vivenciando a escola bancária, ou neste momento ele está dialogando com os professores e com seus pares sobre como criar a obra audiovisual e, ao mesmo tempo, ser protagonista de seu próprio conhecimento? O professor deve incentivar a curiosidade, o pensamento crítico e a autonomia dos alunos, estimulando-os a serem protagonistas de sua própria aprendizagem.